

Agentes de Pastoral Negros (APNs) — Há dez anos surgiu na Igreja católica no Brasil, a organização dos Agentes de Pastoral Negros. Do ponto de vista da presença de negros na Igreja, esta organização não representou grande novidade, mesmo porque, dentre os 43% de afro-brasileiros que compõem a sociedade brasileira, a maioria é católica. *“Sempre houve uma presença negra organizada na Igreja. As Irmandades e Confrarias comprovam esta realidade”*. Entretanto, os agentes de Pastoral Negros, fazem parte de um novo contexto.

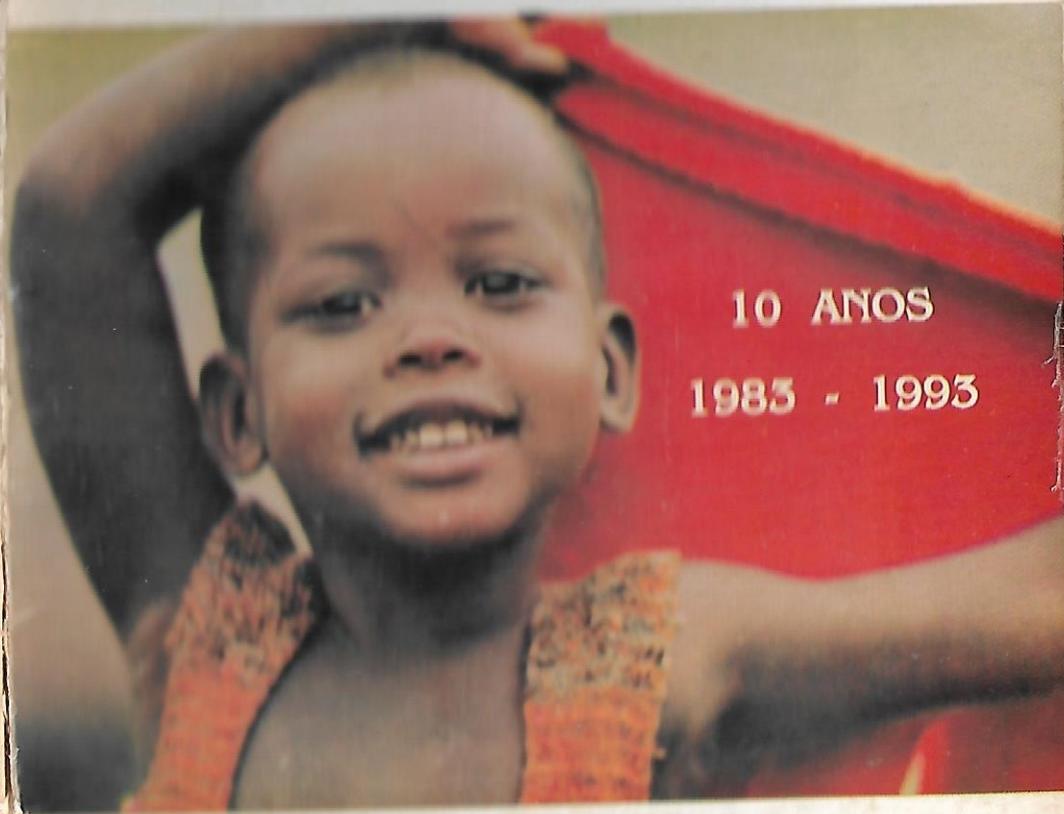
Na segunda metade da década de 70, os Movimentos Populares tiveram um grande impulso, e com eles também o Movimento Negro nacional retomou suas bandeiras de luta. Os homens e mulheres negros, engajados nas diversas pastorais, entenderam que não podiam ficar indiferentes à luta pela causa da população negra, tão discriminada e marginalizada.

A necessidade de organizar aumentou ainda mais, na medida em que os companheiros do Movimento Negro na sociedade civil, questionavam os negros agentes de pastoral, perguntando: *“Como era possível ser negro e ser militante na Igreja, uma vez que esta, muitas vezes na história do nosso continente, foi conivente com a escravidão, ou não denunciou suficientemente as injustiças contra o povo negro”*?

Para responder satisfatoriamente a estes desafios, os negros católicos e cristãos de modo geral, tiveram que buscar uma nova prática, um novo modo de ser Igreja. Era necessária uma nova prática eclesial que juntamente com as Comunidades Eclesiais de Base, com o Movimento de Mulheres, com o reavivamento da Religiosidade Popular, pudesse gerar um novo modo de toda a Igreja ser.

Surgiu assim o Movimento Negro na Igreja, através da organização dos Agentes de Pastoral Negros.

AGENTES DE PASTORAL NEGROS



Conscientização – Organização – Fé e Luta

As forças e quilombos -
bela de emirado José
Esta é a nossa História que
grupos exercemos com o nosso
trabalho e dedicação. Vamos construir
Viva. Fé. Maria

Agentes de Pastoral Negros

10 Anos

1983 - 1993

Conscientização - Organização

Fé e Luta

José Carlos

Atabaque - Asett

Quilombo Central - São Paulo, 1993

Direitos para esta edição:

Quilombo Central Associação Cultural e Beneficente
Rua Tabatinguera, 301 – Tel: (011) 37.9882
CEP 01020-001 – São Paulo – SP

Agentes de Pastoral Negros: Conscientização-Organização Fé e Luta,
10 anos – 1983 – 1993

Supervisão Editorial: Antonio Aparecido da Silva

Revisão: Marcos Rodrigues da Silva
Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Digitação: Maria da Conceição dos Santos

Editoração eletrônica, impressão e acabamento:

Rumo Gráfica Editora Limitada
Rua Lagoa Bonita, 29 – CEP 03934-030
Fone/fax: (011) 919.3892 – 962.9068
São Paulo – SP – Brasil

A elaboração deste volume foi realizada pelo Quilombo Central, sob a coordenação do “Atabaque”, “Grupo de Reflexão Teológica e Cultura Negra”, do programa de Teologia e Cultura Afro-americana da Associação de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT), integrado por Antonio Aparecido da Silva (Pe. Toninho), Marcos Rodrigues da Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Afonso Maria Ligório Soares, Ezequiel Luis de Andrade, Edir Soares, Eliade Dias dos Santos, Heitor Frisotti, Silvia Regina de Lima Silva, Osvaldo José da Silva.

São Paulo, outubro de 1993.

Apresentação

Dez anos, é sempre uma data que merece se comemorada. Quando se trata de uma prática comunitária, o motivo da comemoração torna-se ainda maior. Os Agentes de Pastoral Negros (APNs), surgiram em 1983, portanto estão comemorando 10 anos de existência. Várias atividades estão sendo realizadas no marco desta data comemorativa. O presente texto é também parte das comemorações. São reflexões elaboradas a partir das práticas dos APNs ao longo da caminhada destes dez anos.

O primeiro texto chama a atenção sobre “a emergência da consciência de ser negro/negra na pastoral”. Em seguida, os APNs são analisados como sendo uma “presença negra na igreja”, de modo diferente. Os Agentes de Pastoral Negros, representam grande parte do novo que tem acontecido na igreja nos últimos anos. É importante refletir sobre os “10 anos de organização” que deram forma e conteúdo à esta prática.

São dez anos de um processo onde a unidade e a diversidade foram somadas na busca do objetivo comum: A conscientização e a luta pela causa da população negra. Os “religiosos (as) negros”, bem como os “formandos (as) negros”, marcaram presença nesta caminhada. Importante o processo de organização das mulheres negras APNs. A presença e atenção dos APNs atingiram as CEBs, levando aí, inclusive, o seu jeito próprio de “celebrar o Deus da vida com festa e comida”. Esta nova prática, trouxe questionamentos ao “ecumenismo oficial”, e exigiu um novo relacionamento com as religiões afro-brasileiras.

A prática dos Agentes de Pastoral Negros, tem trazido também novos elementos para a “reflexão teológica”. Nestes dez anos, além dos jovens e adultos, as crianças foram também despertadas para a consciência da negritude através de uma nova prática educacional. O presente texto conclui-se trazendo a “memória do padre Batista”, nome que jamais será esquecido na caminhada dos APNs.

A

– “*Negra Mariama*”, Nossa Senhora Aparecida, símbolo da resistência e da mística da mulher negra;

– *Zumbi dos Palmares*, no 298º aniversário do seu martírio;

– *Benedito de Jesus Batista Laurindo* (Pe. Batista), memória inesquecível.

Índice

1 – A Emergência da Consciência de Ser Negro/Negra na Pastoral – Marcos Rodrigues da Silva	7
2 – APNs: A Presença Negra na Igreja Antonio Aparecido da Silva	12
3 – APNs: 10 anos de Organização Mário Domingos Mendes	24
4 – APNs: Religiosos e Religiosas em 10 Anos de Caminhada David Raimundo dos Santos	29
5 – Formandas e Formandos Negros APNs: Memória Histórica – Mundica/Cardeal	34
6 – Mulher Negra: Memória e Desafios Silvia Regina de Lima Silva	38
7 – APNs: Pastoral Específica e CEBs Afonso Maria Ligório Soares.....	43
8 – Celebrando o Deus da Vida com Festa e Comida Edir Soares.....	49
9 – APNs e Ecumenismo: Oh! Que Coisa bonita! O Espírito, A Fé, A Força, O Axé! – Heitor Frisotti.....	56
10 – Os APNs e a Reflexão Teológica Jose Geraldo da Rocha.....	63
11 – APNs e Nova Prática Educacional Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva/Vera Regina dos Santos Triunpho.....	70
12 – Em Memória do Padre Batista José Enes dos Santos.....	75

1 – A Emergência Da Consciência de Ser Negro/Negra na Pastoral

Marcos Rodrigues da Silva

1. Introdução

Com o término do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica, torna-se um canal expressivo das reivindicações dos movimentos sociais e pastorais que estão próximos das reais dimensões de conflitos da sociedade.

No contexto de valorização das etnias que definem a identidade nacional brasileira, há uma preferência pelo ser e viver do negro. E, percebe-se de imediato que sua situação social e econômica está ligada à uma situação de empobrecimento, violência e abandono das necessidades básicas que cabe ao Estado oferecer à todos os brasileiros indiscriminadamente.

Nesta dimensão de perceber e aprofundar as realidades que desafiam as pastorais sociais das Igrejas é que cresce a consciência dos agentes de pastoral no sentido de discutir a realidade de conflito racial no Brasil.

Com um trabalho de reflexão teológico-prático-pastoral, e a ajuda do instrumental dialético dentro da Teologia da Libertação, é desenvolvido na pastoral social das Igrejas uma aproximação junto as realidades do povo negro, nas periferias e organizações dos movimentos sociais e populares.

2. Da Opção – Organização Ao Específico Do Ser Negro e Negra

A presença do negro que vive sua fé cristã sempre marcou a história da Igreja. Por exemplo, na entidade de fé do negro, suas crenças, irmandades, confrarias, promessas. Isto exige que os novos modos de expressar a fé sejam refletidos e realizados a partir das celebrações litúrgicas. Atualmente começa-se a vislumbrar esta nova maneira de viver a fé.

Outra referência está marcada pelo reconhecimento de uma parcela da comunidade negra que vive sua fé nas comunidades com tradições e símbolos oriundos da catequese cristã e suas expressões litúrgicas tradicionais.

Isto exige que se busque um novo sentido de compreender este processo de enegrecimento dos gestos, das oferendas, das práticas rituais. É uma exigência que parte de comunidades com projetos concretos de transformação das relações sociais e eclesiais, marcadas por práticas injustas junto ao povo negro.

Na década de 80 temos um processo de organização destes momentos de expressão da comunidade negra cristã que celebra sua fé afro-brasileira nos terreiros e roças dos Orixás e também nas Igrejas, através de reuniões, encontros de formação e assembléias (estaduais e nacionais). Assim o negro e a negra, cristãos assumem seu trabalho eclesial e de fé como um chamado de identificação com a mística da negritude e vivência da fé afro-brasileira. Inicia, assim a nova etapa de assumir-se como negro e negra na sociedade brasileira.

Como eixo de articulação deste novo processo de conhecimento, partilhas, formação, discussão política, teológica e organização popular neste período, é que nasce os Agentes de Pastoral – APNs. Como um grupo de conscientização e buscando a verdadeira identidade do negro e da negra no espaço da fé, dentro e fora da Igreja.

Neste processo percebe-se que uma preocupação sempre norteou o modo de pensar as relações entre os membros e participantes das primeiras conversas de encaminhamento: como se dá na prática uma experiência vivencial de relações ecumênicas e partilha de um novo jeito de celebrar a fé com rosto afro-brasileiro?

3. Linhas Temáticas Desenvolvidas Nos Encontros e Cursos De Formação

Pode-se dizer, que de 1983 a 1985 foi o período da semente lançada. Este período é significativo para a tomada de consciência da comunidade negra eclesial e do movimento negro voltado para as organizações populares. Destes espaços de organização popular e de fé ocorrem projetos de libertação que possuem um sentido comum: A retomada consciente das origens de Ser e Viver como sujeitos da Nova Sociedade.

Neste conjunto de reflexões é que a comunidade negra inicia uma série de encontros e espaços de formação com agentes de pastoral negros, lideranças de Comunidades Eclesiais de Bases, Grupos de Reflexão Bíblica e Comunidades Religiosas Inseridas nos Meios Populares.

Um primeiro resultado sistematizado deste início de organização da comunidade negra cristã e da fé afro-brasileira, assim se define:

1 – Priorizar o trabalho de base como ação conscientizadora e libertadora;

2 – Como agentes de pastoral, estar atentos a todas as formas de discriminações para denunciá-las e assumir a negritude;

3 – Fomentar encontros, formar grupos, comunicar as experiências adquiridas, trabalhar pela conscientização;

4 – Fomentar discussões sobre a discriminação e marginalização do negro e da mulher negra, nos ambientes familiares, de trabalho, de convivência, etc.;

5 – Chamar a atenção e à consciência do homem e da mulher brancos, que são herdeiros de um sistema discriminatório e racista;

6 – Conhecer as origens mediante estudos e aprofundar de forma crítica os acontecimentos;

7 – Trabalhar na conscientização dos matrimônios negros e, sobretudo, que desde a infância, aconteça uma ação de consciência da negritude;

8 – Incrementar os encontros locais e regionais e favorecer o seu crescimento em todas as áreas do território nacional;

9 – Formar uma equipe encarregada de elaborar materiais de reflexão sobre a realidade do negro;

10 – Realizar encontros anuais para agentes de pastoral, de preferência negros, para aprofundar sobre o temas propostos nas comunidades e pelos agentes.

No processo foram aparecendo temas que, com assessores específicos, foram sendo esclarecidos. Por exemplo: “o negro na história do Brasil e nos livros didáticos oficiais”, “a educação formal e não formal e sua influência no mundo estudantil”; “a criança negra e a catequese”; “religiosidade popular e a questão das religiões afro-brasileiras”; “a família negra e sua importância na educação da criança negra”.

4. Fé e Projeto Político

O período de 1986 a 1990, foi marcado pela tentativa de refletir a fé e o projeto político afro-brasileiro. Os agentes de pastoral negros no processo de ampliação do movimento negro nacional assumem as lutas e as causas sociais e econômicas da comunidade negra. Esta atitude se revela num projeto de ação política para à sociedade.

Nos encontros e cursos de formação que aconteceram neste período vão acentuar o anseio das lideranças APNs quanto à possibilidade de estar

elaborando e afirmando um projeto político para o movimento negro nacional.

No período destes quatro anos, ocorreram as eleições para formar a Assembléia Nacional Constituinte. Os APNs se mobilizam na formação de uma consciência política participativa em todas as comunidades e junto às suas lideranças. Formou-se uma bancada de deputados constituintes que formularam projetos de leis em sintonia com as lutas e propostas no conjunto dos APNs. Foram momentos fortes de formação política e de engajamento num processo democrático popular.

Em 1989 a participação das lideranças APNs acontece nas campanhas presidenciais. De forma expressiva negras e negros engajam-se na luta por implementar no Brasil um projeto popular e democrático. Os resultados ficaram aquém dos esforços e da ousadia do projeto proposto. Mas, a presença e as organizações dos grupos de APNs nos Estados e cidades não enfraqueceram. Logo, em 1991, lá estavam os APNs defendendo a causa do povo pobre e organizado deste país, através da campanha do impeachment. Mais uma vez ganharam as forças populares através das lutas organizadas e da consciência de cidadania que marcaram as lutas sociais neste período.

No campo religioso e da reflexão a partir da fé afro-brasileira, os APNs percorreram um vasto território de experiências importantes e desafiadoras para todos os setores das igrejas e dos membros das religiões afro.

Abre-se um diálogo e vivência comprometida com a fé e os ritos das roças e terreiros de candomblé e de Umbanda. Os APNs assumem suas relações com seus antepassados (ancestralidade), outros buscam reconhecer o sentido e o jeito de ser e viver nestes ambientes sagrados. Deste modo, cresce a consciência de valorizar, respeitar e celebrar este modo afro de viver a fé.

Nesta partilha de lutas e na consciência do grande projeto proposto a partir dos movimentos populares, os APNs cresceram em organizações com seus pequenos grupos de reflexão e no acolhimento das tradições do povo negro nas variadas regiões deste Brasil. Deste modo, os Agentes de Pastoral Negros entram nos anos 90 com temas definidos rumo a uma formação mais específica de seus segmentos e com uma acentuação forte na resistência como povo e comunidade organizada.

5. Conclusão

Com a capacidade de reunir um número significativo de militantes nas diversas regiões do país, podem os APNs concretizar os anseios que

perpassam desde à metade dos anos 80 que foram de estar elaborando um projeto político e uma proposta celebrativa com característica ecumênica.

As lideranças negras dos APNs começam a pontualizar os novos passos que devem implementar o projeto de ação e reflexão junto às comunidades e organizações negras. Neste sentido os passos vem acontecendo com um apoio efetivo para que as grandes regiões – Norte/Nordeste – Centro – Oeste – Sudeste – Sul tenham a capacidade de se articularem no sentido de que haja uma reflexão pontualizada dos problemas, desafios e crescimentos que ocorrem em cada região.

Por outro lado em 1993 acontece os 10 anos de vida de uma proposta que respondeu a uma imensa maioria de homens e mulheres de fé. Estes se encontrando como homens negros e mulheres negras vêm se percebendo como construtores de uma nova sociedade onde a igualdade das relações e os projetos específicos das etnias são respeitados e projetados dentro de uma grande sociedade democrática.

Estão de parabéns os *Agentes De Pastoral Negros* pela teimosia e persistência nestes 10 anos de construção de um projeto de identidade, consciência, valorização e celebração do *Jeito Negro e Negra de Ser*.

2 – APNs: A Presença Negra na Igreja

Pe. Antonio Aparecido da Silva

1. Introdução

Sempre existiu um catolicismo negro no Brasil. Vivido e crescido em meio a ambigüidades, mantido com persistência, e sempre com muita convicção. Em que pese as condições, sobejamente conhecidas, em que se deu a pertença do negro à Igreja no Brasil, há uma tradição negra católica muito arraigada entre nós. As centenárias Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, das Mercês, de São Benedito, e com tantos outros títulos, são o testemunho histórico desta longa tradição negra na Igreja católica. O relacionamento do protestantismo com a população negra no Brasil ocorreu mais tarde. Tendo penetrado aqui no século passado, entretanto, foi neste século que as denominações protestantes foram se abrindo à presença do negro.

É sabido que o confronto do cristianismo, tanto na sua expressão católica quanto protestante, com a população negra, foi dramático. Basta dizer que foi marcado pela escravidão, seja na América do Norte que na do Sul. Em relação à Igreja católica, desde muito cedo, o negro intuiu que por detrás das estruturas de convivência da Igreja com os conquistadores, havia uma mensagem de fé cristã libertadora, da qual a própria Igreja não dava testemunho. Muitos negros, ao receberem o batismo compulsoriamente, mantiveram a fé cristã e a prática católica, por força da imposição e do condicionamento. Outros, no entanto, embora o tenham recebido em igual situação, entenderam que não havia oposição entre as suas tradições religiosas de origem e os elementos fundamentais da fé cristã. Um e outro processo, contribuíram para o surgimento do sincretismo afro-brasileiro, marcado por duas características: o disfarce, a camuflagem diante da imposição; e, por outro lado, a assimilação da fé cristã dentro das tradições religiosas africanas.

O posicionamento e a participação da Igreja, enquanto instituição, em relação às lutas empreendidas pela população negra, seja no período colonial como em épocas posteriores, nem sempre foram edificantes. O fato da Igreja não ter se posicionado aberta e claramente contra a instituição escravagista; o fato de não ter se engajado na luta abolicionista; e, sobretudo o procedimento discriminatório da Igreja em relação ao negro até em décadas bem recentes, são motivos de desconforto ainda hoje.

A organização dos Agentes de Pastoral Negros, mais do que uma simples linha de continuidade da tradição negra católica, é uma postura de intolerância diante da discriminação do negro e da marginalização das suas culturas. Os interrogantes que serviram de fator de provocação para que os APNs se organizassem, vieram tanto da sociedade civil, como de dentro da Igreja.

2. APNs: Movimento Negro Nas Igrejas

É possível ser verdadeiramente negro, isto é, consciente da negritude e suas implicações, e ser ao mesmo tempo católico ou protestante? Esta e outras questões eram colocadas pelos militantes dos movimentos negros na sociedade civil para os negros vinculados às Igrejas. Recordo que certa vez, lá pelos anos 80, participando de um debate, um companheiro militante do Movimento Negro me intimou: “Acho que vocês, “negros igrejeiros”, deveriam o quanto antes deixar suas igrejas”. Eu perguntei o porquê. E ele deu a razão: “Porque as igrejas foram sempre racistas e discriminadoras”. Eu lhe respondi: “Neste caso, você precisará também, o quanto antes, deixar o Brasil, porque pelo que se sabe e pelas evidências, o nosso país foi sempre e continua sendo racista e discriminador. Porém, completei, você deixará o Brasil racista para ir onde? Para o Apartheid da África do Sul? Ou para o paraíso da “democracia racial” norte americana?”

Os APNs sempre tiveram a convicção de que onde quer que se encontrem, em qualquer lugar do mundo, aí é o lugar para os negros, bem como para todas as pessoas, independente da sua origem. Portanto, onde quer que o negro se encontre, lugar e instituição, aí deve lutar pela democratização dos espaços e das oportunidades, respaldado pela solidariedade de todos os homens e mulheres que anseiam por uma humanidade mais justa e fraterna.

De qualquer maneira, ainda que não fosse possível concordar com a postura radial daqueles que queriam o rompimento dos negros com suas Igrejas, permanecia válido o desafio presente na pergunta: “É possível ser negro e ser cristão?” Na base deste questionamento estava a indignação diante do comportamento histórico das Igrejas cristãs, e no caso, particularmente da igreja católica em relação à população negra. A resposta a esta provocadora pergunta não poderia ser simplesmente apologética, teórica. Os católicos e protestantes deviam convencer os companheiros do Movimento Negro na sociedade civil de que seria possível uma experiência de igreja cristã diferente das práticas eclesiais marcadas pelo racismo e pela discriminação. Portanto, não bastava um argumento, era necessário uma prática.

Entretanto, para que isso se tornasse realidade, era necessário que os negros católicos e protestantes se organizassem dentro de suas igrejas e promovessem no interior destas mesmas igrejas a conscientização sobre o racismo presente. O mesmo racismo que está estampado na sociedade civil, está camuflado, e às vezes até declarado nas igrejas. Era o caso da igreja católica, por exemplo, onde o modelo de sociedade em cujo vértice da pirâmide social o negro não aparece, poder ser comparado com o vértice da hierarquia eclesiástica onde também não aparece, a não ser excepcionalmente. Embora a grande maioria de negros seja católica no Brasil, dentre os sete mil padres brasileiros de então, os padres negros não chegavam a duzentos, e entre os mais de trezentos bispos, os negros não passavam de quatro ou cinco, apenas. No que diz respeito aos padres, esta situação vem mudando nos últimos tempos. Em relação ao episcopado continua a mesma.

Três posturas fundamentais caracterizam a organização dos APNs em sua origem, em relação às igrejas. Primeira: A tomada de consciência sobre a discriminação na sociedade. Neste sentido os APNs são uma força que vem mobilizar um grande contingente vinculado às igrejas para a luta no movimento negro nacional. Segunda: Levar o debate sobre a questão do racismo para dentro das igrejas, despertando-as para a tomada de consciência sobre o racismo internalizado, inclusive, em suas práticas e procedimentos. Terceira: Alicerçar a luta contra o racismo e a discriminação a partir da experiência fundante de fé de cada integrante.

3. Puebla e seus Reflexos

Foi ao redor da preparação para a terceira conferência geral dos bispos latino-americanos que se realizou em 1979 em Puebla, no México, que foram dados os primeiros passos para a organização dos movimentos negros na igreja na fase atual. A linha 2 da CNBB, dimensão missionária, coordenada na época por Dom Ângelo Frosi, bispo de Abaitetuba, e assessorada pelo padre Gaetano Maielo, teve um papel importante no processo inicial. Chegou-se a formar um "grupo de estudos sobre questões afro-brasileiras" com vistas a Puebla, integrado por alguns negros e negras, sobretudo de congregações religiosas, com a presença da Linha 2. Na reunião realizada por este grupo, em São Paulo, em dezembro de 1978, concluiu-se que a Linha 2, enquanto presença de CNBB, assumia o compromisso de "incentivar e apoiar as reuniões específicas de padres, religiosas e leigos negros". Através da CNBB far-se-ia também chegar à Puebla as questões levantadas pelo "grupo de estudos".

Esperava-se que as conclusões da Conferência de Puebla focalizassem de maneira mais ampla as questões afro-americanas. O documento, no entanto, tratou periféricamente o assunto, enfatizando-o tão somente no sobejamente conhecido número 34 do texto oficial, onde se diz que a "situação de extrema pobreza generalizada" na "América Latina" adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (...). "Feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que vivem segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres".

Apesar do espaço reduzido, a alusão feita aos afro-americanos revestiu-se de força na medida mesma em que foi relacionada com a figura de Cristo, e por isso causou impacto nas comunidades.

No ano seguinte à realização da Conferência de Puebla, o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), realizou um "encontro na Colômbia. Na conclusão do encontro foram destacados os seguintes pontos:

1 - "Valoriza-se como positivo o fato de que, nos últimos anos, a igreja latino-americana tenha tomado maior consciência dos problemas relativos aos grupos afro-americanos. Entretanto, faz-se necessária uma maior expressão de compromisso. Deseja-se igualmente que a igreja da América Latina investigue e estude a idiosincrasia do homem afro-americano, defenda e promova os seus valores autênticos".

2 - A Igreja da América Latina deve procurar atender com maior interesse e esmero as necessidades pastorais dos grupos afro-americanos, seja promovendo estudos, seja proporcionando maiores recursos. Esse esforço deve ter como principal objetivo suscitar nos próprios grupos afro-americanos os novos evangelizadores e ministros, necessários para construir uma igreja que reflita a fisionomia de seus filhos.

3 - É necessário que a igreja se torne mais visível nos grupos afro-americanos, através de uma presença respeitosa e amorosa de evangelizadores que se encarnem o máximo possível em sua realidade, em profunda comunhão e participação em sua vida e seu destino. Oxalá as religiosas constituam uma expressão particular dessa presença, pois, vivendo em seu meio, possam ser um sinal da misericórdia e da ternura de Deus.

4 - Em cada circunstância eclesiástica onde existam grupos afro-americanos, é preciso formular e executar um plano de pastoral de conjunto que, com base nos documentos do Magistério, leve em conta suas

doc P
nº 34

necessidades, inquietudes e anseios. Uma atitude fundamental do agente de pastoral com grupos afro-americanos deve ser a preocupação concreta em resgatar e estimular valores. Para isso é necessária uma adequada preparação sobre a cultura e a história da população afro-americana.

5 – A Igreja deve levantar sua voz para defender, clara e decididamente, os direitos humanos dos grupos afro-americanos. Ao mesmo tempo, em que deve dar sua colaboração para promover entre os afro-americanos a conscientização e a educação que lhes permita sair da situação de dependência e marginalização em que se encontram.

6 – É urgente multiplicar esforços para suscitar, estimular e formar muitas e generosas vocações afro-americanas para o sacerdócio, a vida religiosa, e os diversos ministérios, fiéis à igreja e ao seu povo.

7 – Por fidelidade aos compromissos assumidos em Puebla, o Departamento de Missões do CELAM (DEMIS) se esforçará por promover estudos e encontros de reflexão e intercâmbio de experiência, a fim de contribuir para a elaboração de uma pastoral específica, adequada à realidade dos grupos afro-americanos. Para tanto, propõem-se que se instrua nesse departamento uma seção especializada, que estude e promova a pastoral com grupos afro-americanos.

Mais do que os pontos evidenciados na conclusão do encontro, o grande saldo positivo foi a constatação de que a reduzida menção de Puebla à comunidade negra tenha produzido um efeito, capaz de sensibilizar inclusive algum setor do Conselho Episcopal Latino-Americano. Também na base da igreja a alusão que Puebla fez à população negra suscita novas atitudes. Tem início, por exemplo, os Encontros de Pastoral Afro-Americana (EPA).

Em 1980 foi realizado o primeiro EPA, na cidade de Buenaventura, na Colômbia. O tema do encontro, que teve a participação da Colômbia e do Equador, foi sobre: “A religiosidade popular e a cultura negra”. Três anos depois em 1983, aconteceria o segundo EPA, em Esmeraldas no Equador. O tema debatido foi sobre “análise da situação social, econômica e política em que se encontram os negros, e a busca da definição da pastoral afro-americana”. O terceiro EPA foi realizado em Porto Belo, Panamá, em 1986. “Identidade e história dos povos afro-americanos à luz da história da salvação” foi o tema aprofundado. O quarto EPA foi celebrado na Costa Rica, em 1989, onde se refletiu sobre “a família afro-americana”. Em 1991, o quinto EPA, realizado em Quibdó, na Colômbia, tratou a questão da educação e a população afro-americana. Está planejado para 1994 em Esmeraldas, no Equador, o sexto EPA, que deverá tratar o tema: “Espiritualidade e expressões afro-americanas”.

A missa dos Quilombos foi uma outra iniciativa marcante. Em 1981, mais precisamente no dia 22 de novembro, a “Missa dos Quilombos” foi cantada pela primeira vez na celebração eucarística presidida pelos arcebispos Dom José Maria Pires e Dom Hélder Câmara. O ato religioso, em memória do líder Zumbi e da resistência dos negros, foi celebrado no Recife, na praça do Carmo. A letra da missa foi elaborada por Dom Pedro Casaldáliga e por Pedro Tierra. Milton Nascimento compôs a música e a executou na referida celebração. A missa expressa e sintetiza a memória coletiva do povo em sua caminhada histórica. Além da profundidade do texto da missa, a veemente homilia do Dom José Maria Pires, e a invocação de Dom Hélder Câmara a “Mariama”, constituíram os pontos altos da celebração.

4. Os APNs e a Campanha da Fraternidade de 88

Tendo sido iniciada em 1983 a organização dos Agentes da Pastoral Negros, três anos depois, em 1986 deu provas da sua importância no âmbito das igrejas e do movimento negro, ao propor o tema para a Campanha da Fraternidade para 1988. A proposta tinha uma forte motivação, pois em 1988 se celebraria os cem anos da abolição. A comemoração dos cem anos era sem dúvidas um acontecimento que não poderia deixar de ser contemplado pelos APNs, mas ao fazer a proposta para a CNBB, tinham em mente muito mais que uma mera comemoração. Era a oportunidade para fazer com que a igreja como um todo, base e hierarquia, pudessem demonstrar a sua receptividade ou não à causa dos negros. No fundo tratava-se de um posicionamento.

Não foi difícil convencer as instâncias da CNBB encarregadas da Campanha da Fraternidade a dedicarem a CF/88 para a situação da população negra. O difícil foi chegar a um consenso sobre o tema. Os Agentes de Pastoral Negros após abrangente consulta em seus meios, decidiram pelo tema: “Negro: Um clamor de Justiça”. A presidência da CNBB achou a proposta do tema bastante contundente e propôs que fosse: “Muitas cores, uma só raça”. Desta vez foram os APNs que não gostaram da sugestão. Depois de muito diálogo, chegou-se à formulação definitiva: “Ouvi o clamor deste povo”.

Apesar do tema não ser inteiramente do seu agrado, os Agentes de Pastoral Negros estavam convencidos de que a Campanha seria um grande sucesso, como de fato o foi. Nenhum dos temas tratados anteriormente pela CNBB tinha causado tanto debate no interior da igreja e na sociedade civil. Dois anos antes de ser lançada a Campanha de 88 já levantava discussões.

ser e patrimônio espiritual é algo que a Igreja não só respeita, mas encoraja e quer fomentar (...)."

João Paulo II em sua mensagem, incentivou as comunidades e comprometeu os bispos a intensificar o trabalho pastoral. "Encorajo-vos a defender a vossa identidade, a ser conscientes dos vossos valores e fazê-los frutificar", disse o Papa. E, concluiu: "Haveis de conseguir que vossas comunidades cresçam e progridam, tanto no espiritual como no material, difundindo assim os dons que Deus vos outorgou (...). A solicitude da igreja por vós e pelas vossas comunidades, tornar-se-á evidente na IV Conferencia Geral do Episcopado Latino-Americano", garantiu o Papa. A igreja "deseja incrementar a ação pastoral e favorecer os elementos específicos das comunidades eclesiais com fisionomia própria (...). A obra evangelizadora não destrói, mas encarna-se nos vossos valores, consolida-os e fortalece-os", esclarece João Paulo II.

O Papa mostrou-se solidário com a causa da população negra, e assim se expressou: "Sei que a vida de muitos afro-americanos nos diversos Países não está isenta de dificuldades e problemas. A Igreja, bem consciente disto, compartilha os vossos sofrimentos e acompanha-vos e apóia-vos nas vossas legítimas aspirações a uma vida mais justa e digna para todos (...). Peço a Deus que nas vossas comunidades cristãs surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro-americanos do continente possam contar com ministros provenientes das vossas próprias famílias".

A palavra e a exortação do Papa fizeram eco na Assembléia dos bispos. O documento com as conclusões de Santo Domingo, faz repetidas e substanciais alusões à população afro-americana. Mas é sobretudo no capítulo terceiro da segunda parte, no item sobre a "unidade e pluralidade das culturas indígenas, afro-americanas e mestiças" que os bispos reafirmam a postura do Papa. Depois de constatar que "as culturas afro-americanas, presentes na América Latina e no Caribe, estão marcadas por uma constante resistência à escravidão", os bispos se comprometem "a dedicar especial atenção à causa das comunidades afro-americanas e às manifestações religiosas próprias de suas culturas".

É inegável que o trabalho com a comunidade negra no âmbito das igrejas, e particularmente na igreja católica, trouxe expressivos resultados nestes últimos dez anos. Esta consciência coletiva bastante difusa nas igrejas neste período entre a Campanha da Fraternidade de 1988 e a atual fase do pós Santo Domingo, é a evidência do trabalho empreendido. Outro termômetro desta realidade, são os relatórios das assembléias diocesanas, dos regionais, e dos encontros eclesiais nacionais. Em quase todos eles

aparece sempre de uma ou outra forma a questão negra como proposta ou como prioridade.

6. APNs e Igreja: Convivência e Autonomia

Para o movimento negro na sociedade civil, os Agentes de Pastoral Negros são o movimento negro da igreja (católica). Os Agentes de Pastoral Negros, entretanto, têm consciência de que são presença negra consciente nas igrejas, mas sem vinculação institucional. Desde o seu surgimento há dez anos atrás os Agentes de Pastoral Negros não tiveram qualquer preocupação ou intenção de se tornarem uma entidade institucionalizada. Não havia sequer a intenção de ser um "movimento". Quando nos encontrávamos, o Padre Batista, o Padre Edir e eu, conversávamos demoradamente sobre a necessidade cada vez mais evidente de se fazer algum trabalho com os negros e negras atuantes nas igrejas, e particularmente na igreja católica, onde vivíamos nossas experiências como negros e como sacerdotes. Não cogitávamos um "movimento" à mais. O que nos preocupava era a evidente falta de uma consciência crítica nos negros que eram agentes nas várias pastorais, seja quanto à sua negritude, seja quanto à situação da população negra em geral.

Foi pensando nisto que numa tarde encontrando o Padre Batista e o Padre Edir no viaduto do chá, próximo à praça Patriarca, decidimos convocar os eventuais interessados para um encontro bem específico, onde os agentes de pastoral, não importa de que religião ou denominação cristã, como também não importando qual a função que exercem em suas igrejas, pudessem trocar experiências sobre suas práticas como agentes de pastoral e como negros que são. Três eram os critérios de convocação e participação: viver uma experiência religiosa de fé, não importando em que religião ou denominação cristã; ser agente de pastoral em sua igreja ou religião, isto é, ser atuante; e, assumir-se como negro ou negra.

A convocação foi feita através de comunicado publicado no jornal "O São Paulo" da Arquidiocese de São Paulo, onde dizia que o encontro se realizaria nas dependências do Convento dos Carmelitas, na rua Martiniano de Carvalho n° 114, no horário das 08:30 às 16:00 horas. Levar lanche, dizia o convite. Não foi difícil elaborar o conteúdo da programação. Entre os três, consensamos que poder-se-ia partir de duas perguntas. Primeira: "existe racismo na sociedade brasileira?" Segunda: "Existe racismo nas igrejas?" Às oitenta e três pessoas que compareceram a este primeiro encontro no dia 14 de março de 1983, foi pedido que relatassem em forma de depoimento as suas respostas a estas duas perguntas.

21

A maioria dos presentes eram religiosas (freiras) e padres. Havia entretanto um expressivo número de leigos e leigas, os seminaristas também estavam representados. Além de um Babalorixá e duas Ialorixás, participaram também pastores protestantes e um diácono permanente da igreja católica, e um bispo. O encontro encerrou-se com uma avaliação positiva, e era visível na fisionomia feliz de todos, o desejo de continuar. E assim os encontros foram se sucedendo. Algumas coisas ficaram muito claras desde o início, como por exemplo, a convicção de que um trabalho na perspectiva pastoral com a população negra só pode ser realizado com a abertura e prática ecumênica, ou mais que isto, com espírito de "ecumenicidade", isto é, ecumenismo, que supere inclusive o clássico ecumenismo entre católicos e protestantes. Haveria de ser o que a partir da Assembléia do Povo de Deus realizada em Quito, no Equador, em 1992, passou-se a chamar de "macro-ecumenismo". E isto, inclusive, além de outras razões, pelo fato de que a população negra brasileira está difusa nas várias religiões e denominações cristãs.

Outra convicção presente naqueles agentes de pastoral negros da primeira hora, era a certeza de que esta atividade que deveria difundir-se nos meios pastorais e envolver os fiéis e suas igrejas a começar pelos negros, não deveria ser institucionalizada como propriedade de uma determinada igreja ou religião. Ao mesmo tempo em que deveria ser uma grande comunhão dos agentes de pastoral negros com suas respectivas igrejas, haveria também de ter uma autonomia institucional. Sem dúvida alguma, uma atitude benéfica para ambos os lados. As igrejas não podiam adiantar-se em relação a uma prática que não conheciam. Os Agentes de Pastoral Negros por sua vez se resguardavam de uma possível investida de setores conservadores de suas igrejas. Havendo uma ligação institucional estes setores nas igrejas certamente procurariam controlar o trabalho dos agentes de pastoral negros. Estes dez anos, portanto, foram marcados por uma convivência, por uma ação conjunta dos agentes de pastoral negros e suas igrejas, mas ao mesmo tempo por uma sábia autonomia.

7. Conclusão

O trabalho da comunidade negra, através sobretudo dos Agentes de Pastoral Negros, é sem dúvida uma das expressões do novo que tem acontecido no âmbito das igrejas em geral, e em particular na Igreja católica. O despertar da consciência tanto dos negros quanto dos brancos a respeito dos camuflados problemas raciais que atingem profundamente a densa população negra do nosso País é um importante passo neste

processo de reestruturação de nossas igrejas. As igrejas ganharam novas expressões tanto nas liturgias quanto nos debates. A comunidade negra conquistou respeitabilidade e reivindicou espaços que lhes eram de direito.

Todos, seja da parte dos Agentes de Pastoral Negros que das hierarquias das igrejas, sabem que o problema da situação do negro não está equacionado nem na sociedade civil e nem totalmente no interior das igrejas. Trata-se de um processo que além de boa vontade exige medidas concretas capazes de reverter um quadro estruturalmente marcado pelas discriminações. Espera-se que Santo Domingo possa dar os frutos esperados, sobretudo quando propõe a população negra como um dos referenciais da prática concreta da evangelização inculturada. Assim como há dez anos atrás, hoje todas as organizações que compõem o movimento negro, devem somar forças na busca da cidadania requerida sobretudo pela população negra. As igrejas não podem ficar ausentes deste processo.

3 – APNs: 10 Anos de Organização

Mário Domingos Mendes

A partir do surgimento dos Agentes de Pastoral Negros em 1983, os encontros foram se multiplicando. A Adesão de pessoas tanto na grande São Paulo, quanto no interior do Estado, foi cada vez maior, atingindo, inclusive, outros Estados. Como a idéia inicial, não era de fazer dos APNs uma instituição ou um movimento negro à mais, não havia, portanto, uma preocupação em constituir uma diretoria formalmente constituída. Entretanto, os constantes encontros realizados já desde 1983 e as conseqüentes solicitações de subsídios por parte dos grupos em formação, exigiram um mínimo de organização, ou seja, uma coordenação e uma secretaria.

Os padres Toninho e Edir, e o diácono Batista que foram os iniciadores dos APNs respondiam pela coordenação. As aspirantes e noviças das irmãs Filhas de Maria Missionárias, dedicaram-se à secretaria que funcionava na casa das mesmas, no Jardim da Glória, no Km 24 da Rodovia Raposo Tavares – Cotia – SP. Quem não se lembra do dedicado trabalho da Marisa Fagundes, de Claudicéia, da Tereza, da Madalena e da Geni; cujos trabalhos eram realizados gratuitamente para que a caminhada pudesse se firmar? Para cobrir as despesas com correspondências, foi feita uma solicitação financeira junto às congregações religiosas, através de uma carta mensagem. As respostas foram bastante positivas.

Com a eleição do padre Toninho (Antonio Aparecido da Silva), para reitor da Faculdade de Teologia da Arquidiocese de São Paulo, aliás, o primeiro sacerdote negro a ocupar este cargo numa faculdade eclesiástica no Brasil, os encontros dos APNs passaram a ser realizados nas dependências da Faculdade, no Ipiranga.

Em junho de 1984, com a nomeação do Pe. Batista para reitor da Igreja N. Sra. da Boa Morte, uma igreja construída pelos negros no período colonial, os Agentes de Pastoral Negros passaram a ter ali sua primeira sede, onde funciona ainda hoje, ou seja, na rua Tabatinguera, 320, esquina com a rua do Carmo, no centro velho de São Paulo.

Uma vez construída a sede, foi o próprio Padre Batista quem sugeriu o nome: “Quilombo Central” dos Agentes de Pastoral Negros. O Quilombo Central passou a ser o ponto de referência para os APNs, que a esta altura já se multiplicavam nos vários Estados e Regiões do país. Para uma melhor articulação com o Quilombo Central, começam a surgir os “quilombos regionais”.

Em julho de 1985, foi formalizada no Quilombo Central, a secretaria nacional com o nome de “Equipe Central”, cuja função era: “Incentivar o surgimento de novos grupos de APNs; Animar as comunicações; Executar os serviços de secretaria; Cuidar da infra-estrutura dos encontros”. A primeira “Equipe Central” foi formada pelos companheiros: Djalma A. da Silva, Marisa Fagundes, Leontina Terezinha do Carmo, Eugênio de Lima, Manoel Cândido do Carmo. O Osvaldo José da Silva e a Marly Terezinha Rosa, foram indicados como suplentes. O período de atuação da “Equipe Central” era de dois anos.

Os padres Toninho, Batista e Edir participavam como conselheiros, e iniciaram um relacionamento com a ADVENIAT para obtenção de recursos financeiros para respaldar os trabalhos do Quilombo Central. O Padre Toninho foi solicitado pela presidência da CNBB para assessor da “Linha Missionária” e membro da coordenação do INP. Isto fez com que houvesse uma ligação entre APNs (Quilombo Central), e CNBB, sobretudo através da “Linha 2”.

Durante o curso nacional de formação dos APNs em junho de 1987, foi indicada a segunda Equipe Central composta pela Luzinete Maria Silva, Ana Maria Placidino, Tarcísio Antonio do Nascimento, Vilma Manoel, Julvan Moreira de Oliveira, Mário Domingos Mendes e Maria Aparecida da S. Carlos. A caminhada dos APNs àquela altura, mostrava duas grandes necessidades. De um lado, o trabalho de animação dos grupos locais e regionais, e a articulação com o Quilombo Central. E do outro lado, a necessidade de aprimorar a estrutura jurídica do Quilombo Central, em vista da necessidade da captação de recursos para viabilizar os trabalhos, sobretudo os encontros nacionais.

Na Assembléia Nacional dos APNs, realizada em setembro de 1988 em Curitiba, foi formalizada a fundação do “Quilombo Central Associação Cultural e Beneficente”, cuja primeira diretoria foi assim constituída: Pe. Antonio Aparecido da Silva, presidente; Pe. Benedito de Jesus Batista Laurindo, vice-presidente; Secretária, Paula Gonçalves da Silva; 2ª Secretário, Tarcísio Antonio do Nascimento; Tesoureiro, Julvan Moreira de Oliveira; 2ª Tesoureira, Maria Madalena da Silva.

Com esta nova estrutura, a Diretoria passa a exercer a função executiva, e a Comissão Nacional se incumbem da animação e articulação dos grupos APNs. A partir da Campanha da Fraternidade de 1988, os grupos de base dos APNs cresceram, se multiplicaram. Foi a fase de ouro da nossa caminhada. Pipocaram grupos por todo o Brasil.

A Comissão Nacional sentiu a necessidade de organizar melhor os grupos. A organização, até àquele momento, era feita a partir daquilo que a caminhada ia pedindo e das necessidades que surgiam. Entretanto, os

grupos se multiplicaram após a Campanha da Fraternidade/88. O movimento cresceu e a história mudou. Para ajudar o crescimento dos APNs dentro de uma melhor organização, a Comissão Nacional iniciou o mapeamento de todos os Quilombos Regionais nos Estados. Até então, cada Quilombo era praticamente um Quilombo Regional. Com a nova orientação, cada representante regional passou a se preocupar com, no mínimo, 02 ou mais Quilombos locais. Assim, foram reorganizadas as regiões *Sudeste, Centro-Oeste e Sul*. O grande Quilombo *Norte-Nordeste*, foi organizado de maneira diferente por tratar-se de outra realidade. Lá, o Representante Regional, representa 01 ou mais Estados.

É importante dizer que o Representante Regional, sempre exerceu um papel importantíssimo na caminhada dos APNs. Ele é o animador dos grupos de base. Representa estes grupos nas Assembléias Ordinárias e Extraordinárias, onde são traçados os rumos, as diretrizes e as perspectivas da caminhada dos Agentes de Pastoral Negros. A Assembléia de todos estes representantes regionais constitui o órgão máximo dos APNs.

Quilombo Central e Quilombos Regionais expressam a maneira como os APNs se organizam ao longo destes 10 anos. A escolha do nome Quilombo não foi por acaso. Há uma proposta do nome Quilombo: recuperar o verdadeiro sentido dos Quilombos ontem e hoje. Os quilombos tinham como características fundamentais: a formação de aldeias onde a liberdade era imperativo para sua manutenção e sobrevivência. Podemos afirmar que os quilombos tinham no modo de se estabelecerem enquanto povo que se organizava, uma nova proposta de sociedade. Os quilombos se caracterizavam pelas seguintes posturas:

- 1 – Mostrar o protesto negro contra o sistema escravagista imposto sobre o povo negro;
- 2 – Mostrar a revolta contra os maus tratos que sofreram todos os negros, negras, crianças e idosos neste período;
- 3 – Revelar a busca do povo negro por um espaço próprio para celebrar sua fé e viver os seus costumes;
- 4 – Afirmar que a identidade negra está sendo mantida após o genocídio nos navios negreiros, nas senzalas e nos trabalhos forçados.

O Quilombo era o espaço de liberdade para o negro. Lá não se cultivavam divisões de grupos, nem se absolutizava o poder. Mas a todos os quilombolas eram dados direitos e deveres comuns de produzir, adquirir bens que eram colocados à disposição de todos para a realização plena dos membros do Quilombo.

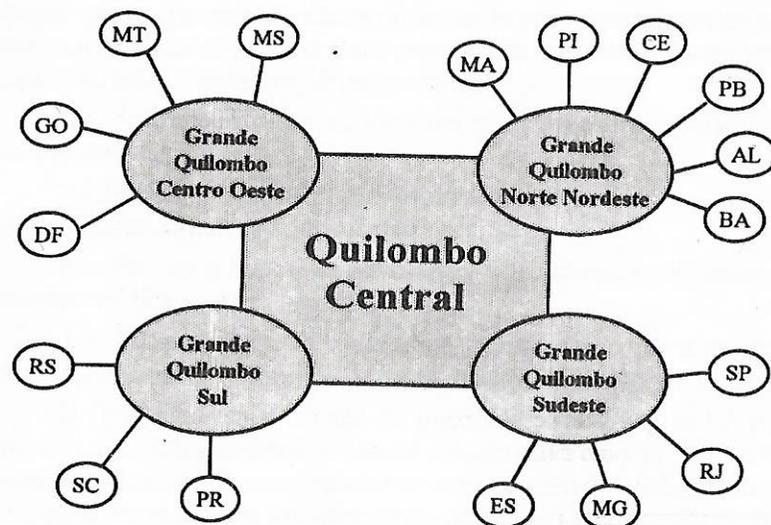
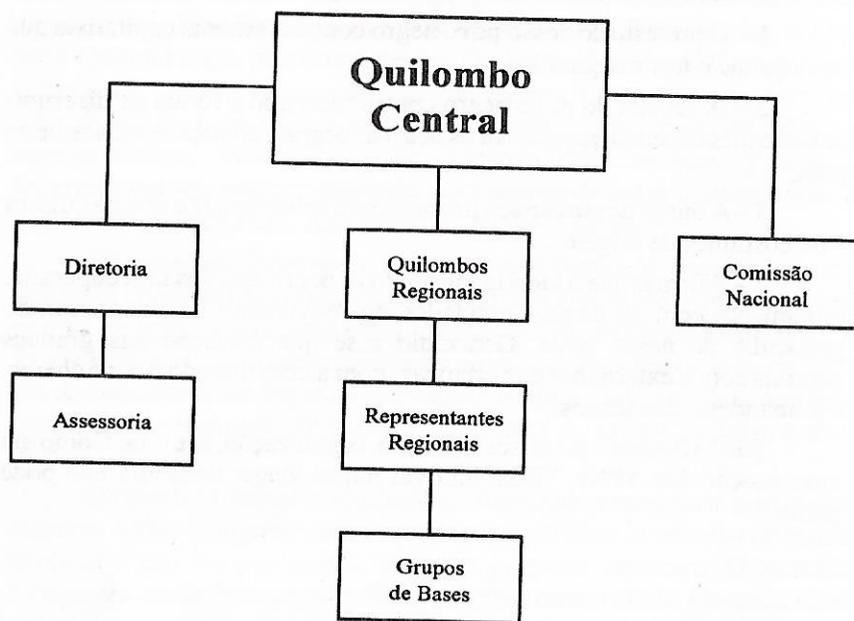
Nós, os Agentes de Pastoral Negros, ao escolhermos os nomes "*Quilombo Central*" e "*Quilombos Regionais*" para a nossa organização e articulação queremos demonstrar o seguinte:

- 1 – O protesto do nosso povo negro contra o sistema capitalista que nos oprime e nos marginaliza;
- 2 – A revolta do povo negro contra todo tipo e forma de discriminação e preconceitos que sofrem os negros, negras, crianças e idosos neste país;
- 3 – A busca de um espaço próprio para celebrar a fé e viver a cultura e os costumes de origem.
- 4 – Afirmar que a identidade do Povo negro está sendo recuperada, juntamente com as demais entidades do movimento negro, apesar do genocídio do nosso povo. Genocídio esse que começou nas grandes capitais com o extermínio das crianças, com a esterilização das mulheres, e o abandono dos idosos.

São "10 Anos" de conscientização, organização, fé e luta. Como diz uma canção dos APNs, "Essa luta vai muito longe; Essa luta não pode parar".(*)

(*) Vide na página seguinte **Organograma dos Agentes de Pastoral Negros**

3.1 Organograma dos Agentes de Pastoral Negros



4 – APNs religiosos e religiosas em 10 anos de caminhada

Frei David Raimundo dos Santos

1. Introdução

Os religiosos e religiosas têm um papel importante nestes 10 anos de caminhada dos APNs. Desde às primeiras reuniões que tinham por objetivo reunir material sobre a comunidade negra para a Conferência de Puebla, as religiosas e os religiosos estiveram presentes.

Os religiosos e religiosas negros perceberam desde o início da caminhada dos APNs, que embora estivessem integrados, participando dos trabalhos de base e dos encontros locais, regionais e nacionais, era necessário contudo que tivessem algum momento específico de reflexão, assim como mais tarde, esta mesma necessidade vai se apresentar para as formandas e formandos negros na vida religiosa, como também para os padres e bispos negros, as mulheres e as crianças.

Este espaço próprio, não significa separatismo ou algo semelhante, é tão somente a possibilidade de aprofundar devidamente situações específicas. No caso dos religiosos e religiosas negros, o objetivo é trabalhar as questões que emergem na vida religiosa em relação à população negra, como por exemplo, a reprodução do racismo dentro da vida religiosa; branqueamento dos poucos negros aceitos nas comunidades religiosas; necessidade de firmar a identidade.

2. Superando as primeiras dificuldades

Aos poucos na caminhada, foram surgindo os grupos de religiosos e religiosas negros. Em 1983, por exemplo, aconteceu a Assembléia da Conferência dos Religiosos do Brasil do Regional do Rio de Janeiro. No painel sobre Vida Religiosa, foi levantada a questão sobre o "negro na vida religiosa", e a partir daquele painel a CRB-RJ assumiu colocar-se como espaço disponível para a articulação dos religiosos negros. Os religiosos negros presentes começaram a se organizar e marcaram um primeiro encontro para 1984, e um segundo encontro para o ano seguinte.

A realização do Terceiro Encontro dos Religiosos e Religiosas Negros do Rio de Janeiro em 1986, encontrou sérios obstáculos. O encontro teria a participação efetiva da CRB do Regional do Rio de

Janeiro. Entretanto, diante das dificuldades impostas pelo vértice da hierarquia eclesiástica local, foi necessário a retirada do apoio oficial da CRB, e os participantes assumiram em nome próprio a realização do encontro. Dias após a realização do evento, superiores e superiores dos religiosos e religiosas que participaram, receberam uma carta do Ordinário da Arquidiocese do Rio de Janeiro, pedindo punição para seus religiosos.

Não obstante as dificuldades, a necessidade de trabalhar a questão negra foi atingindo as Congregações e Institutos religiosos. As religiosas negras da Congregação de Jesus Crucificado foram as primeiras a promover um encontro específico dentro da congregação. Isto ocorreu em 1985. Participaram do encontro 32 irmãs. Muitas ficaram com receio de participar. As coisas não estavam muito "claras". Entretanto, a partir deste encontro, as irmãs passaram a ser motivadoras do despertar da consciência da negritude, nas comunidades paroquiais e nas cidades onde atuavam.

Incentivadas com o resultado do primeiro encontro, as irmãs de Jesus Crucificado, realizaram o Segundo Encontro, que foi considerado um marco na caminhada. Aconteceu na Bahia em 1988 e teve a participação de 105 irmãs negras. O trabalho de assessoria fortaleceu a caminhada. As celebrações litúrgicas, ganharam novas expressões.

O Terceiro Encontro foi realizado em Nova Veneza, interior de São Paulo, em 1990. Participaram 96 irmãs. Número avaliado como muito bom, devido às dificuldades econômicas do país naquele momento. O quarto encontro, realizado em Goiânia no mês de julho último, contou com a ajuda e participação das oito províncias. Desta forma, os encontros vêm se sucedendo, e com uma estrutura já assimilada pelo conjunto de toda família religiosa.

3. A CF/88 e o despertar para a causa negra

Muitos religiosos e religiosas negros, foram despertados a partir da Campanha da Fraternidade de 1988 sobre o negro. É o caso por exemplo dos Franciscanos.

3.1. Os Franciscanos

A CF/88, mexeu com muita gente. Cada setor mexido reagiu de uma maneira. Entre os superiores maiores Franciscanos, por exemplo, provocou uma abertura para a questão. Boa parte concordava com a afirmação

de que, para fazer uma articulação entre Franciscanos negros, o principal problema estava na aceitação da negritude pelos próprios negros Franciscanos. A grande maioria era vítima da ideologia do embranquecimento.

A visita do Ministro Geral dos Franciscanos ao Brasil foi ocasião propícia para a realização do primeiro encontro em 1988. O ministro geral, participou e recebeu o documento final. O segundo encontro aconteceu na Bahia; O terceiro encontro em Alagoas; O quarto em Petrópolis e o quinto em Bacabal, Maranhão.

A partir deste quinto encontro, passou a ser aberto às Congregações Franciscanas femininas e às masculinas que não têm articulação própria. O sexto encontro está programado para acontecer de 07 a 12 de fevereiro de 1994 em Floriano, Piauí.

3.2. Os Verbitas Negros

Os religiosos negros do Verbo Divino (Verbitas), realizaram seu primeiro encontro em 1988. A partir daí, todos os anos, eles têm um momento forte de aprofundamento.

Os quatro pontos que eles tem procurado atingir são:

1 – Descobrir-se enquanto negros e religiosos, assumindo a cultura do seu povo negro, valores e lutas;

2 – Ajudar a comunidade de formação a descobrir o formando negro como alguém que tem direito a um tratamento específico, valorizando-o enquanto pessoa, não europeia, herdeira de uma sólida e milenar cultura afro;

3 – Incentivo aos jovens negros a descobrirem e desenvolver seu potencial vocacional;

4 – Partilhar com o povo a conscientização afro com a qual estão se beneficiando.

3.3. Missionários Negros do Sagrado Coração de Jesus

Os missionários negros do Sagrado Coração de Jesus, fizeram seu primeiro encontro em 1989, em Nova Iguaçu. Tomaram consciência das várias dificuldades para realizar encontros específicos de religiosos negros. Naquele encontro aprofundaram o estudo de uma "espiritualidade a partir do povo negro"; discutiram "o que é ser negro dentro da congregação"; fizeram experiências de uma liturgia afro contextualizada. Em 1991, dentro do encontro da congregação a nível de América Latina, realizaram a primeira articulação de negros MSC da América Latina.

3.4. Irmãs Negras da Assunção

O documento final do primeiro encontro realizado em Brasília em 1991, pelas irmãs negras da Assunção, assim diz: "O trabalho de retomada de nossa identidade negra é muito difícil, ainda não é bem compreendido por muitas irmãs, o que, com certeza, irá atrasar o processo libertador de cada uma de nós, de nossas irmãs não negras e de toda a congregação". Não obstante as dificuldades, as irmãs, continuaram realizando os encontros, inclusive, o terceiro encontro se realizou neste ano de 1993.

3.5. Negritude Capuchinha

O trabalho dos Capuchinhos negros, tem dado um rico impulso na Província do Rio Grande do Sul. Já realizaram visitas de estudos de causa negra nas casas de formação. O grupo é pluriétnico. O trabalho vem se espalhando lentamente, nas demais províncias capuchinhas. No ano de 1992 foi realizado o primeiro encontro nacional de negritude capuchinho, em Minas Gerais. Elegeu-se na ocasião uma coordenação nacional, bastante representativa, que assumiu a tarefa de animar os próximos passos. Produziram uma cartilha que se tornou uma importante ferramenta para os trabalhos de base na Congregação e junto ao povo negro.

3.6. Negritude Xaveriana

Os religiosos negros Xaverianos, realizaram seu primeiro encontro específico sobre a questão negra, em Pinhais - PR, em novembro de 1991. Padres e formandos, num clima de sinceridade e consciência, trabalharam o resgate da história e das raízes culturais de cada participante, sua história vocacional, bem como o compromisso com a causa do povo negro.

Os participantes sentiram a necessidade de que os encontros sejam marcados por sinais de partilha, celebrações e aprofundamentos (cada vez maiores) em torno das questões negras e indígenas. Cada participante assumiu o compromisso de levar a reflexão sobre o negro, nos espaços onde atua.

4. Religiosos Negros Nos Estados

Ao longo destes 10 anos, tem acontecido nos estados, com frequência ou com interrupções, encontros de religiosos negros. Isto tem ocorrido nos Estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Piauí.

Neste ano de 1993, os religiosos e religiosas negros, do Estado do Rio de Janeiro realizaram o seu décimo Encontro estadual, tendo como tema: "*Experiências litúrgicas da vida religiosa africana: cultura e mística*". Na ocasião foi lançada a cartilha: "*Vocação aos sons dos atabaques*". Trata-se de um subsídio que tem por objetivo ser um instrumento a serviço da causa do povo negro. Na mesma ocasião, foi inaugurada uma mini - vídeo locadora afro.

5. Surgimento do Greni

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), na sua missão de acompanhar a vida religiosa, tem se mostrado aberta à questão negra, à medida em que seus membros tem se despertado para esta realidade. Nas assembléias gerais ordinárias da CBR, que são realizadas a cada três anos, a abertura para a questão negra tem sido manifestada nas orientações finais e nas eventuais prioridades. Na última assembléia, realizada em julho de 1992, por sugestão das religiosas e religiosos negros, foi aprovada a proposta de se criar na CRB, o *Grupo de Religiosos Negros e Indígenas (GRENI)*, cujo objetivo é acompanhar e estimular as iniciativas das religiosas e religiosos negros, seja na promoção à Vida Religiosa, que no âmbito da formação inicial e permanente. Neste ano o Greni, está sendo organizado, inclusive, com sua equipe de animação já indicada.

6. Conclusão

Os religiosos e religiosas negros, ao se organizarem em suas congregações e institutos, ou a nível de CRB, têm consciência do seu papel enquanto negros na vida religiosa no momento atual. Não buscam tão somente redimir o passado recente em que a Vida Religiosa de modo geral, mostrou-se fortemente discriminadora em relação aos negros, mas buscam, sobretudo, a concretização de uma vida religiosa que mantenha respeito e valorize a identidade de seus membros.

Se por um lado, os religiosos e religiosas negros contribuem para um novo perfil de vida religiosa, por outro lado, a sua militância, demonstra a fidelidade à base que os gerou, inclusive para a vida religiosa. É preciso e necessário manter um vínculo estreito com esta base, onde suas raízes negras e populares, estão presentes.

Finalmente, a ação consciente que emerge das organizações dos religiosos e religiosas negros, dá ainda maior profundidade à caminhada dos APNs.

5 – Formandas e Formandos Negros APNs: Memória Histórica

Mundica/Cardeal

1. Introdução

Em meados de julho deste ano, entre os dias 15 e 18, estiveram reunidos em Belo Horizonte, um grande número de formandos e formandas negros, provenientes dos vários Estados do Brasil, representando diversas congregações religiosas e dioceses. O tema central do encontro foi: “Quem somos nós”?

A partir desta pergunta, fizemos debates procurando definir melhor nossa identidade na Igreja e na vida religiosa. Enquanto formandos e formandas negros temos uma história que merece ser lembrada, avaliada, divulgada, resgatada e celebrada no marco destes 10 anos de caminhada dos APNs.

Desde de 1987 que nos encontramos a nível nacional. No decorrer desta caminhada se fizeram presentes os estados SP, SC, RJ, PR, GO, BA, RS, PB, TO, ES, MT, PE e CE. Nosso objetivo é animar a caminhada das vocações oriundas do povo negro dentro de nossas Congregações, ordens e Dioceses, em vista de nos ajudarmos mutuamente, e também contribuir com nossos formandos e toda Igreja do Brasil, fornecendo elementos para uma reflexão, visando superar todas as deficiências impostas pela história ao povo negro, e que foram assimiladas também pela Igreja e pelas ordens religiosas. Sentimos que nossa caminhada é um apelo de Deus, uma participação na tentativa de resposta ao grito da comunidade negra. É importante que formadores e formandos tenham o coração aberto para refletir esta realidade.

2. Constatções e Questionamentos

Durante estes anos de caminhada, na busca do resgate de nossa identidade enquanto formandos e formandas negros, religiosos e diocesanos, constatamos a seguinte realidade:

2.1. “Temos uma formação estruturada com mentalidade européia e branca e que reprimi os valores do negro na prática diária das casas de

formação. Isto provoca a despersonalização e conseqüente perda de identidade dos formandos(as) negros. Quando os formandos tomam consciência dessa situação e começam a reagir, são considerados desajustados, desequilibrados, complexados, rebeldes. Conclui-se que estão com “crise de vocação”.

2.2. Muitos formandos negros, são acusados de falta de espiritualidade. Entretanto a espiritualidade fornecida pelos formadores não condiz com a realidade cultural da vida dos formandos. Nós negros, temos uma experiência espiritual trazida da mãe África, que passou pelos quilombos e demais formas de resistência e que hoje se manifesta nos terreiros, nas congadas e na religiosidade popular. É uma espiritualidade que resgata a Aliança de Deus com o povo oprimido através da resistência, da luta pela liberdade e da festa. É uma espiritualidade que nos leva a uma maior comunhão com a natureza e a um maior respeito à vida. Resgatar esta experiência espiritual não é só uma questão de detalhe, mas uma prioridade para as casas de formação diocesana e dos institutos religiosos.

2.3. Constatamos que não existe formadores e formadoras “preparados” para o acompanhamento dos formandos(as) que estão na busca do *Ser Negro*. E, muitas vezes, somos “obrigados a nos orientar com estas pessoas que não correspondem às nossas necessidades, anseios, buscas e questionamentos”.

2.4. Vemos que a sociedade e a igreja passaram por inúmeras transformações. Houve um grande processo de modernização. Infelizmente muitos aspectos negativos se modernizaram também; entre eles, está o racismo. As casas de formação diocesanas e religiosas não estão isentas deste perigo.

2.5. Em muitas casas de formação, os formandos não assumem sua negritude nem a nível individual, nem comunitário. A formação proposta contribui para este estado de coisas.

2.6. A recuperação da nossa identidade enquanto negros, nos leva a desejar uma vida inserida no meio do povo negro, que são os mais pobres entre os pobres. Isto exige mudança de lugar social, geográfico e mesmo espiritual. Estas exigências estão em função da opção pelos pobres que a Igreja pede em seus documentos e a vida religiosa tem incentivado.

2.7. A família é a primeira comunidade negra da qual fazemos parte e também uma das fontes de nossa opção vocacional. Por isso priorizamos nossa relação com a família. Nossa entrada nas congregações e seminários não deve implicar no rompimento de nossos valores afetivos, culturais e familiares, fontes às quais, sempre temos necessidades de voltar”.

Além destas sete questões mais urgentes, enumeramos também alguns pontos problemáticos na relação formandos-formandas-negritude:

1 – Por que quando se trata da participação de formandos(as), nos encontros sobre negritude, são apresentadas inúmeras dificuldades, inclusive de ordem financeira, por parte dos formandos(as) e dos(as) responsáveis pelas comunidades?

2 – Dentro das casa de formação, quais os subsídios oferecidos aos formandos(as) para que possam trabalhar sua negritude? Por que impedir a busca destes subsídios fora das casas de formação?

3 – Por que a história dos povos europeus é estudada nas casas de formação e a história dos africanos e outros povos não são incluídas?

4 – Cresce a cada ano o número de formandos que são convidados a se retirarem das dioceses e congregações depois que iniciam um trabalho com a comunidade negra. Por que isto vem ocorrendo numa vida religiosa presumidamente aberta?

5 – É urgente a releitura da história da Congregação, do Carisma e identidade do clero diocesano na ótica do povo negro.

6 – Percebe-se certa abertura quando o formando participa de grupos de negros fora de casa, mas quando o formando quer trazer a negritude para dentro da comunidade, surgem problemas que muitas vezes provocam saídas e demissões de formandos(as).

7 – É fundamental que o formando negro tenha militância nos grupos de negros e que esta seja reconhecida no seu processo de formação integral.

8 – A presença negra contribui para transformar a vida religiosa de monocultural, para pluricultural. É preciso reinventar a vida religiosa.

3. Questões Emergentes

Nos encontros nacionais já realizados de formandos(as) negros, emergiram muitas questões. Constatou-se por exemplo, que os afro-americanos em geral, têm uma maneira própria de expressar a afetividade e a sexualidade. Expressam-nas de maneira espontânea, através da dança, do sorriso, do gingado. São criativos. A afetividade e a sexualidade são na verdade expressões do *Axé*. Trata-se de uma realidade cultural de matriz africana.

Nas casas de formação, com frequência, este modo de ser dos formandos(as) negros com relação à afetividade e a sexualidade, não é

entendido pelos formadores(as). São questões que a priori, são vistas com preconceitos e tabus. Muitas vezes a formação proposta ou imposta, acaba por castrar a espontaneidade dos formandos(as) negros, particularmente.

Uma outra questão que tem surgido com frequência é de “como fazer e viver os votos religiosos” dentro do contraste cultural afro-americano? A vida religiosa e diocesana necessitam incluir nas suas diversas expressões os valores que emergem da comunidade negra e que os formandos e formandas trazem para dentro das casas de formação.

Nos encontros realizados, tem sido constatado várias preocupações, com por exemplo:

1 – “Qual a contribuição que as formandas(os) negras podem dar aos grupos de reflexão da CRB (NOVINTER, JUNINTER, CETESP)”?

2 – “Como preservar os valores fundantes das nossas culturas afros dentro da vida religiosa”?

3 – “Como manter os laços de solidariedade com os muitos formandos(as) negros que por não serem compreendidos, foram afastados das congregações e institutos religiosos”?

4 – “Como fazer para que seminaristas ao serem ordenados sacerdotes, não deixem de participar e acompanhar a causa negra”?

4. Conclusão

Ao longo destes anos de caminhada, nós os formandos(as) negros nos convencemos ainda mais que “a esperança, é uma dimensão histórica da comunidade do povo negro que acolhe e vive o profundo compromisso com os empobrecidos também de outras culturas que vivem mergulhados nas conseqüências desumanas geradas através da estrutura capitalista ocidental. Diante dessa realidade sócio-cultural, os formandos negros descubrem o apelo da encarnação de Deus em sua caminhada pela justiça, fraternidade e solidariedade, que é um ponto fundamental na tradição do negro. Acreditamos que tudo isso possa servir de contribuição no processo de formação. Precisamos reinventar a Vida Religiosa a partir do negro brasileiro e latino-americano”.

6 – Mulher Negra: Memória e Desafios

Silvia Regina de Lima Silva

1. Introdução

Nas marcas que trazemos como mulheres negras, estão algumas palavras, expressões que nos vêm na memória, sempre que queremos falar de nossa história. Quem não se lembra de ter ouvido algumas vezes: ...sua negrinha atrevida, saliente...desaforada...que ousadia!...Isso não é coisa de menina...isso é jeito de mulher?

Assim diziam, sempre que nosso comportamento não se adequava ao esperado; “não reconhecíamos o nosso lugar”, cada vez que o que fazíamos (e fazemos) não correspondia aos padrões impostos pela sociedade racista e sexista que vivemos. Insistir em construir nossa identidade nesta sociedade, é inegavelmente construir uma história de insubmissão e rebeldia.

2. Memória de muitas lutas

A cada 8 de março se relembra a história das mulheres tendo como ponto de partida as 129 mulheres queimadas, numa fábrica de tecidos em Nova York em 1857. Foram mortas por ousarem reivindicar uma jornada de 10 horas de trabalho e salários melhores.

Data de protesto, manifestação, passeatas, festas... vem recordar nossa história de mulheres que é de luta e ousadia embora na sociedade patriarcal em que vivemos insistam em uma história de silêncio e submissão. Com as trabalhadoras de Nova York poderíamos colocar as mulheres sábias, conhecedoras dos mistérios da vida, da medicina, condenadas à fogueira ou à forca como bruxas, durante a Idade Média. Como Negras trazemos a teimosia e a rebeldia de nossas antepassadas que, indignadas com o sistema em que viviam, buscavam nos suicídios, no banzo e nos abortos, suas formas de protesto e nas rebeliões e organizações quilombolas, seu espaço de resistência e luta por transformação. Mulheres negras cujas lutas, vivências e sentimentos, marcaram nossas vidas. Apesar do silêncio oficial que encobre a história de nossas antepassadas, muitos nomes e testemunhos chegaram até nós.

Quem já não ouviu falar em Anastácia, Luiza Mahin, Aqualtune, Dandara, Zeferina? Mais nomes teremos que acrescentar: o das abolicionistas Adelina, de São Luis do Maranhão, e o da santista Brandina. Outras mulheres negras não temeram em participar da luta armada como a paulista Maria José Bezerra — conhecida como Maria Soldado — na revolução de 32, ou da política, como Antonieta Barros, catarinense, primeira mulher negra a ser eleita deputada constituinte em 1935, e a mineira-baiana Maria Brandão dos Reis, militante estudantil e do PCB, defensora dos favelados do Corta Braço.

Nem podemos esquecer os nomes de Iyadetá, Iyakalá, Iyanassó, Marcelina, Aninha, Senhora, Menininha, Tia Ciata e tantas outras mães e irmãs que nos terreiros organizaram, curavam, alimentavam a fé, mantinham as tradições e sabedoria, fortaleciam o amor, a vida e a identidade do povo negro. Mas merecem ser lembradas também as poetisas e escritoras Auta de Souza, de Macaíba (RN); a mineira Carolina Maria de Jesus, a maranhense Maria Firmina; a cantora carioca Clementina de Jesus e a repentista paraibana Francisca Maria da Conceição (Chica Barbosa). Seus versos e contos souberam transmitir também nossa dor e sentimentos.

Talvez não as conheçamos e, com elas, não chegaram ainda até nós os nomes e a vida de muitas outras mulheres negras que fizeram nossa história. Hoje esquecidas ou sempre anônimas, lutando em silêncio, marginalizadas também na memória. Continuam vivas, pois percebemos sua força atuando em nossos corpos, em nossas lutas e sentimentos, ainda hoje.

3. Mulheres se organizando. . .

A busca da sobrevivência e auto afirmação da identidade e dignidade feminina é secular. Na história tomou formas diversas. Hoje tem no Movimento Feminista um importante lugar de expressão. No Brasil, o Movimento Feminista tem procurado manter viva esta memória de resistência das mulheres. Ele teve seu início, como movimento organizado, na década de 70; é uma história recente e pouco conhecida.

No ano de 1975 a ONU declara o ano Internacional da Mulher. O movimento feminista começa a ter ressonância junto a opinião pública. “Este primeiro momento é marcado pela denúncia das discriminações sofridas e pela busca da igualdade de direitos. Acentua-se a luta por igualdade entre mulheres e homens.

Há um segundo momento, onde se afirma o discurso da diferença, ou seja, do que caracteriza a identidade feminina. Esta diferença coloca o desafio de trazer novos valores, de construir uma nova sociedade, uma nova humanidade. Contrário ao que nos foi secularmente imposto, esta diferença não se firma em elementos biológicos de nossa constituição física, justificando assim, uma situação de inferioridade, antes, são elementos históricos-culturais que necessitam ser desmistificados e muitos, superados.

Podemos falar ainda de um terceiro momento caracterizado pela diferença entre nós, mulheres. Este é o fecundo momento que vivemos. Falar de feminismo, é falar de feminismos; é considerar a diversidade existente entre nós mulheres. Diversidade de classe, de raça, de inserção, de procedência religiosa, entre campo e cidade... e tantas outras que encontramos em nosso meio. O medo do conflito não pode ser impedimento para a busca de aproximação, de solidariedade e de formação de proposta tendo em vista a superação das opressões comuns que vivemos. No Brasil se realizaram 11 Encontros Nacionais Feministas e foram 5 os Encontros Feministas Latino-Americanos.

Partindo deste princípio da diferença entre nós, das formas distintas de opressão que exigem respostas também nas estratégias e formas de organização, é que vem ocorrendo os Encontros Nacionais de Mulheres Negras. O primeiro se realizou em 1988 na cidade de Valença, Rio de Janeiro; o segundo em 1991 em Salvador Bahia.

4. Grupo Ecumênico de Mulheres Negras. . . Desafios à vista

As Mulheres Negras Agentes de Pastoral ou este grupo Ecumênico de Mulheres Negras (como prefiro dizer), também têm sua história. Nascemos no interior dos Agentes de Pastoral Negros. Realizamos encontros estaduais, e 3 encontros nacionais: o primeiro em Belo Horizonte – MG, em 1990; o segundo em Duque de Caxias – RJ, em 1991; o terceiro em Salvador – BA, em 1993. Em alguns estados os grupos de base já se reúnem. Hoje estamos para além de APNs; contamos com a participação de mulheres negras, que embora com uma prática religiosa, não são membros dos APNs. O Terceiro Encontro, reforçou alguns desafios que já percebíamos, e aqui, insisto em afirmá-los:

1 – Estar mais articuladas com o Movimento Feminista e com outros grupos de mulheres negras. Como mulheres relacionadas com as igrejas, trazemos uma série de preconceitos em relação ao feminismo. “Ele chegou a ser condenado pela Igreja Católica no conjunto dos chamados

erros modernos; para alguns escritores o “mais perigoso” depois do socialismo”.

Durante muito tempo, ser feminista era privilégio também de uma classe de mulheres, e que não precisa nem dizer que nós mulheres pobres, negras, estávamos excluídas. Vamos para o Movimento Feminista levando nossa “diferença” como direito que temos de ser mulher, negra, com distintas práticas religiosas. Nossa presença, creio que é apropriação de conceitos, formulação de estratégias que de alguma forma já estão presentes nas nossas práticas, mas que necessitam ser explicitadas e reconhecidas. Não é hora de “inaugurar” muita coisa, mas de conhecer e somar forças.

2 – Colocar-nos numa caminhada verdadeiramente ecumênica, é um segundo desafio. Percebemos os limites no Ecumenismo vivido em muitos dos grupos que participamos. Podemos dizer que quanto mais nos aproximamos dos espaços institucionais, dos modelos “pastorais” (para as católicas) mais nos distanciamos da proposta ecumênica que acreditamos. A prática de muitos de nossos grupos de mulheres negras tem demonstrado perspectivas novas no que diz respeito a relação Ecumênica. Esta novidade se fundamenta numa experiência de Deus, uma experiência de certa forma desconcertante, instigante.

Trazemos aqui as palavras de uma companheira, Ana Maria Sales Placidino, pois, elas conseguem expressar parte desta nossa experiência, do encontro com o rosto negro e feminino de Deus. “ Várias vezes já nos encontramos para refletir as maneiras como nosso povo, sobretudo as mulheres negras, vem reconhecendo o novo rosto de Deus. É o Deus Vida que se fortalece dentro de um contexto de morte. A ação deste Deus se mescla na ação de seu povo: Ele é como a mulher trançadeira que, enquanto trança os cabelos das meninas, mantém viva a cultura negra: Ele é a mulher menstruada que sangra para renovar-se, renovar-se para gerar o novo; Ele é a mãe que pega nas mãos dos filhos e os ensina a caminhar sempre; Ele é a Avó que doa seu tempo para recordar aos netos o nome do seu povo ao qual pertencem; Ele é uma mulher grávida que deu à luz os mundos, os Orixás, os povos todos. Ele é uma menina faminta, violentada, escravizada; Ele é uma jovem negra, guerreira e sensível às dores do seu tempo.

Este Deus Vida é a mãe dos nossos ancestrais, de nossos Orixás, é Mãe de todos os injustiçados, de todos os que gritam vítimas da opressão, é Mãe daqueles que se doam pela justiça, pela igualdade, e por isso cremos que é Mãe de Jesus Cristo também. Esta visão do Deus da vida, veio percorrendo silenciosamente os longos anos de sofrimento resistindo ao genocídio negro, à falsa libertação, à evangelização cristã distorcida, à

miséria do povo. Porém, chegou o momento: o que foi concebido no silêncio da noite, é gerado no rumor do dia.

5. Conclusão

Desta forma, nós Mulheres Negras, temos o Ecumenismo não como uma idéia abstrata, mas o fazemos realidade em nosso corpo. Vivemos uma experiência comum de discriminação, de violação de nossos direitos, de negação de nossa identidade por parte da sociedade, de rechaço e manipulação de nossa cultura, de “demonização” da religião de nossos antepassados por parte das igrejas.

Esta história comum nos une, nos irmana, mulheres de diferentes tradições religiosas. Queremos repensar a concepção de Deus que nos foi imposta, e descobrir juntas uma divindade que tenha como lugar de revelação nosso povo, nossa cultura, a história de nossos antepassados, história das mulheres... um Deus que não nos traga o peso da culpa mas que seja presença, que festeje conosco o prazer, as alegrias e a beleza da vida; uma divindade justiceira que nos fortaleça na busca de terra, casa e pão, na construção da sociedade de mesa farta para todas(os).

Fé no mesmo Deus, que se manifesta de maneiras diferentes, nos anima na construção de uma sociedade plural e participativa. Este mesmo Deus, que luta em favor das(os) oprimidas(os) e se faz vítima; nos faz acreditar que a busca da dignidade e cidadania do povo brasileiro, só será autêntica se contemplar a dor e o grito das racialmente e sexualmente excluídas.

7 – APNs: Pastoral Específica e CEBs

Pe. Afonso Soares

1. Introdução

A celebração do 10º aniversário dos Agentes de Pastoral Negros, provindos em sua maioria do seio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pode ser a ocasião de se (re)colocar a questão do diálogo intercultural e religioso justamente neste ambiente tido como exemplar de um modo de ser igreja.

Nos primeiros encontros inter-eclesiais de CEBs, não se manifesta sensibilidade em relação à população negra. Fala-se do pobre em geral. Foi a partir do 6º inter-ecclesial em Trindade que a questão começou ser tratada de maneira específica. No 7º inter-ecclesial, realizado na Baixada Fluminense o espaço foi ampliado.

O 8º Encontro inter-ecclesial das CEBs ocorrido em Santa Maria no ano passado, mostrou novas atitudes em relação à comunidade negra. A carta mensagem final, proclama: “Nós nos comprometemos, em solidariedade com os negros, a respeitar as diferenças das culturas e a lutar para que possam expressar sua fé, de maneira própria, na igreja”. Por sua vez, os negros afirmaram: “Nós negros, assumimos nossa negritude na igreja e na sociedade, mantendo viva nossa memória de resistência ontem e hoje, nos Quilombos, Terreiros, Irmandades, lutas e organizações negras”.

2. CEBs e Negritude: Encruzilhada!

Ruminando com calma estes bons propósitos (e sem deixar de torcer pelo seu sucesso), não podemos evitar algumas dúvidas. O que implica o assumir nossa negritude na Igreja? Os quilombos e, sobretudo os *terreiros*, só entrariam em nossas assembléias eclesiais como “memória”? Até que ponto um(a) agente de pastoral negro(a) conseguiria promover as culturas e religiões negras desde *dentro* de uma comunidade eclesial de base?

Se um exemplo concreto puder ajudar, colocaremos rapidamente uma situação que vivemos há alguns anos. Acompanhá-vamos, então, uma favela da periferia de São Paulo, onde se pretendia fosse uma Comunidade

Eclesial de Base. Porém, dentre tantos problemas ali enfrentados, um era sempre evitado em nossos planejamentos pastorais: a presença dos assim chamados cultos afro-brasileiros. Nós agentes de pastoral que descíamos à favela e entre os que lá moravam e nos mais próximos, se notava uma confusão e perplexidade diante destes cultos. Ou as pessoas se afastavam logo “de cara”, ou conviviam num certo espírito de boa vizinhança, isto é, onde acabava o poder/magia do sacerdote católico iniciava aquele da Yalorixá.

Tentamos então nos aproximar das pessoas que partilhavam destes cultos. Pouco a pouco fomos ganhando a confiança daquela gente e pudemos levar adiante algumas iniciativas comuns. Com surpresa acabamos por individuar entre eles um pessoal nunca visto nos encontros “católicos” — e que havia anos morava ali — e gente tida como “sem religião” e/ou “desligada”. Porém, maior surpresa foi constatar que muitos de seus líderes — as sacerdotisas, por exemplo — era gente (antes) considerada católica “praticante”. Os netos da mãe de santo e os filhos de algumas filhas de santo haviam frequentado o catecismo e até feito a primeira comunhão.

O que mais nos impressionou naquela ocasião foi que, ao menos aparentemente, as pessoas envolvidas não se sentiam em contradição. “Eu sou católica Apostólica Romana Espiritista, graças a Deus!”, nos dizia uma Yalorixá. Aqui nos pusemos o problema, que bem pode ser o desafio dos agentes de pastoral negros nas CEBs que os acolhem. Sem dúvida se poderia falar ali de Comunidades de base com certa facilidade. Mas como tocar a sua qualidade eclesial? Não seria mais honesto verter o apostolado numa ação não explicitamente eclesial? Insistir no elemento eclesial não significaria dividir a comunidade e a Base justamente num momento (Kairós) em que ser “do reino” é mais importante do que ser da “igreja”?

Seria, ao invés, mais prudente “tolerar” tal “mistura” valorizando o lado positivo desta “religiosidade popular”? Ou ainda, não seria já o caso de dirigir a reflexão e a prática pastoral em vista de um verdadeiro e autêntico sincretismo seguindo nisso as pegadas mesmas da história do cristianismo?

Essas nossas dificuldades não surgem à toa, mas da própria contradição de nosso discurso “modernizante”. Ora, a grande descoberta das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) não é a valorização do povo-sujeito da história? ou seja, o povo toma a palavra, e isto desencadeia todo o processo libertador-humanizador? Então, deixar e ajudar o povo a dizer a sua palavra é correr o risco de que a sua fala não nos agrade e sim nos agrida.

Não será este o nosso erro maior, enquanto evangelizadores: após ajudar as pessoas a dizerem sua primeira palavra, apressarmo-nos que a segunda já esteja dentro de nossas “redes eclesiais”?

3. Jesus: Caminho ou Conteúdo?

Há alguns anos, numa conferência teológica, o expositor repunha a missão como um encontro na liberdade e uma solidariedade fraterna com outras pessoas e grupos humanos. Sendo assim, a missão deveria tomar Jesus Cristo como o Caminho, o “método” e não, de início, como conteúdo ou como o fim. O palestrista sugeria, naquela ocasião, quatro pistas para se pôr esta intuição em prática:

1 – “Tirar lições da vida concreta de Jesus: o “lugar social” por ele escolhido, a sua posição no meio do povo, as suas atitudes em face dos que detinham o poder político e religioso, e por aí afora.

2 – Jesus não era um mestre tradicional propondo “uma nova doutrina com poder”; antes fazia as pessoas refletirem, descobrindo o Reino de Deus já presente no seu dia-a-dia.

3 – Jesus não anunciava a si mesmo, mas a Deus. Então, sugeria o nosso expositor, talvez fosse mais “cristão”, na missão, anunciar antes a Deus e não a Cristo.

4 – E para fazê-lo precisaríamos retornar à sugestão que nos vem da existência histórica de Jesus, isto é, Deus é anunciado através da doação da vida até o martírio.

Certamente tais colocações são cativantes. Mas como mantê-las do ponto de vista de uma igreja explicitamente constituída? se vamos por essa trilha, seria até legítimo não almejar como escopo missionário a “fundação da igreja” que conhecemos. Antes, partilhariamos com o outro a linda experiência de fé-vida, desde há dois milênios, temos vivido. Tão somente isto.

4. Cristianismo: Prática e Contradição

O problema está, de início, em que a experiência histórica do Cristianismo não é tão “linda” assim. Basta citar, por exemplo, a nossa parcela de culpa, enquanto igreja, no genocídio dos povos pré-colombianos e no escravismo negro moderno.

Por outra, mesmo desconsiderando este dado negativo de nossa história, não podemos negar a existência de outras experiências válidas

para além daquela cristã. E se assim é, a partilha da experiência religiosa inclui a escuta do que o outro tem a dizer, admitindo que podemos sair modificados deste processo. Se estamos convencidos de ter razão e de saber desde o início qual é o certo, ou nos fechamos no monólogo (a um passo da intolerância), ou exercitamos um pseudo-diálogo, isto é, uma tática para atrair ao nosso farnel aqueles que pensam diversamente.

Na verdade, é bom que se diga, não estamos com isso propondo a eliminação da igreja ou das CEBs, ou ainda pleiteando que os agentes de pastoral negros sejam somente agentes da mobilização negra. Tal impostação da missão e da pastoral não elimina a igreja; antes, a repropõe como parceira significativa na humanização do mundo, deixando a secular tarefa de "agencia distribuidora de graças".

É difícil, entretanto, pensar assim num país como o Brasil, tido como majoritariamente católico e onde a igreja é uma "quase instituição de serviço público". Daí o fenómeno de muitos brasileiros se sentirem coagidos a ser católicos "socialmente" e, por outro lado, sentirem-se "livres" para escolher, conforme as circunstâncias, a agencia religiosa mais conveniente - donde a mistura religiosa.

Mas será que assim o fazem simplesmente por serem maus católicos? Quando, ao invés, pretendemos inocentá-los apelando para a "religiosidade popular", não estamos camufladamente usando uma tática para manter dentro dos rumos aqueles que, eventualmente pressionados a escolher, optariam pela sua "religião de fato" e não pela igreja Una, Santa, Católica, Apostólica, Romana?

5. Comunidade Negra e Igrejas Cristãs: Desafios!

Eis aí a problemática onde devemos encharcar nossa reflexão. Como agentes de pastoral que partem da base e a ela voltamos para formar comunidades, não podemos mais nos furtar a estes desafios. O 8º Encontro Inter-eclesial de CEBs deixou claro que a questão não poderá mais ser evitada em nossas pautas futuras.

A questão de fundo, nós a vemos assim: não é possível pretender engaiolar a comunidade negra em nossas igrejas cristãs. Essa presunção só tinha lugar nos idos tempos em que se pensava estarem todos os não batizados condenados ao inferno, a menos que os emissários da igreja não intervissem com a distribuição da salvação.

Hoje, mais humildes e (quem sabe) menos ingênuos, nos contentamos com a (re) descoberta da real função da fé (eclesial): traduzir a revelação divina em soluções históricas mais humanas a serem assumidas

pelo povo ao qual esta revelação se destina. Em outras palavras, a nossa prática deve ser a transparência das bem-aventuranças do Reino a tal ponto que comece a engajar mais e mais pessoas solidárias com tal Projeto.

Está, pois, fora de dúvida que a igreja (as igrejas cristãs) deva ajudar de uma maneira particular ao povo. Mas isto não significa que o povo deva, para tanto, fazer parte da igreja. Talvez a melhor maneira de explicar isso seja ainda a imagem do fermento na massa. A função do fermento "não é fazer toda a massa virar fermento, mas é transformar o sabor de toda a massa, com uma quantidade escondida de pessoas que põem a revelação a serviço dos problemas humanos e chegam deste modo a conhecer e a possuir a revelação sempre de novo, guiadas pelo Espírito".

Não estamos falando de nenhuma expulsão em massa do seio da igreja. Antes se trata, coragem e "tato" ir concentrando as energias na direção da verdadeira e significativa função da igreja. Obviamente, o fato mesmo de assumir coerentemente tal função afastará os "fregueses" do bazar sacramental do padre.

Já Medellín, exigia das comunidades de base serem "o primeiro e fundamental núcleo eclesial... célula inicial de estruturação eclesial". Mas, será que a igreja-instituição aguenta acompanhar o ritmo da conscientização/humanização, com seus altos e baixos, idas e vindas, e assim por diante?

Vejamos por exemplo, a situação de uma favela na periferia. Que condicionalmente antecedem a nossa chegada "evangelizadora?" Poderíamos citar: situações de pobreza absoluta, rotatividade do pessoal, promiscuidade, cumplicidade com os "Robin Hoods" das vizinhanças, procura de outras agencias religiosas para sanar problemas cotidianos, e outros.

Por outra, o motivo de nos aceitarem enquanto "pessoas da igreja", "agentes de pastoral" muitas vezes será tão somente a necessidade de aliados para obter alguns benefícios materiais: cursos profissionalizantes, documentos, apoio do padre (bispo) para algumas reivindicações (água, luz, esgoto...). E, obviamente, se para ganhar tal apoio, a condição é ir à missa da capela ou "entrar na C "E" B, então faz-se também isso como preço a ser pago. E assim, talvez inconscientemente, praticamente uma violência quase tão grande quanto aquela outra, estrutural, que os mantém ali, em condições infra-humanas.

6. Conclusão

Assumir as CEBs como novo modo da igreja ser e significar hoje equivale em contrapartida a libertar o conjunto dos batizados e dos

cristãos-de-nome do peso de ser igreja. Só essa liberdade abre caminho para um verdadeiro diálogo com o povo. Ser espírita ou membro do candomblé não é vergonhoso! É uma opção tão válida como qualquer outra e, enquanto tal, tem uma palavra a dizer. Só com tal espírito se pode ouvir, sem tática proselitista, a voz do povo, provocá-lo a falar, e deixa-lo dizer o que realmente é, e deseja.

Portanto, formar comunidades? Sim, pois é nesses pequenos grupos de interesse que a nossa gente se redescobre (sua história, suas culturas e suas crenças), tomando na mão o seu destino. Comunidades de Base? Sim, pois a (nossa) herança evangélica nos sussurra desde o início que são os pobres os preferidos do Reino. Comunidades "Eclesiais?" Aqui nos calamos. Certamente, o Espírito não deixará que falte o fermento, mas o mais importante mesmo é que a obra do Pai/Mãe do Céu seja realizada: o Pão e o Vinho partilhamos no carnaval Quilombola a que todos serão convidados. Um dia!

8 – Celebrando O Deus Da Vida Com Festa e Comida

Pe. Edir Soares

1. Introdução

Dez anos dos Agentes de Pastoral Negros. São 10 anos celebrando o "Deus da vida com festa e comida". Logo no começo dos nossos encontros, de agentes de pastoral, sentimos a necessidade de celebrar. Celebrar o que? celebrar o nosso encontro de negros, reunidos para refletir a nossa situação de discriminação e racismo; celebrar o surgimento da organização dos agentes de pastorais negros na sociedade e na igreja. Porém, sentimos necessidade de celebrar como negros. Para tanto, tivemos que buscar as nossas raízes africanas de celebração, onde melhor se conservaram.

2. As Raízes Fecundam a Liturgia

Resgatamos as raízes culturais que fazem parte do nosso jeito de ser negro. Encontramos valores profundos. Valores que estão na base de nossa cultura. Lembro aqui alguns destes valores:

1 – A Natureza: Somos um povo ligado à natureza, à vida. Celebramos com abundância de água, fogo, folhas, terra, flores...

2 – Os Antepassados: A maioria dos antepassados, tem grande sentido para o povo negro. Eles estão sempre presentes na vida da comunidade, e também nas celebrações.

3 – A Festa: A festa, não é apenas uma palavra, como acontece na liturgia oficial; mas, algo real. Na festa há fartura, exagero... Isto para mostrar que a vida deve ser diferente, deve ser partilha, gratuidade. Nela há uma dimensão escatológica, é um aperitivo do banquete do reino definitivo.

4 – A Dança: Não celebramos apenas com a cabeça, com o cérebro, mas com todo o corpo. Quando os atabaques tocam, o corpo mexe e quer louvar a Deus. Os cantos são vivos, pouca letra, muita música e mais ainda, muita mística.

5 – A Comida: Comer juntos, é entrar na intimidade do outro. É partilhar a própria vida. Por isto, é impossível celebrar sem comida. Celebramos com o nosso angu, canjica, amendoim, cachaça, pipoca e bolo de fubá.

Com este resgate cultural, é que começamos a liturgia nos nossos encontros, com criatividade e alegria. Muitos pediam explicações sobre as nossas liturgias... Nós apenas lembrávamos e lembramos que estamos ainda num processo de busca e descoberta. Não temos um rito afro-brasileiro, pois não fixamos nada... conta muito a criatividade e a inspiração do Espírito Santo.

3. Sentido Eclesial

Como agentes de pastoral negros, queremos nos manter fiéis à nossa tradição cultural e à igreja. Ela que desde a Sacrossanctum Concilium até Santo Domingo, tem pedido uma inculturação litúrgica. A Sacrossanctum, nos números de 37 a 40, fala da necessidade de uma adaptação da liturgia à mentalidade e à cultura dos diversos povos. O número 37 nos diz expressamente: "A igreja não deseja impor na liturgia, uma forma rígida e única para aquelas coisas que não dizem a respeito à fé ou ao bem de toda comunidade. Antes, cultivar e desenvolver os valores e os dotes do espírito das nações e povos..."

Os bispos brasileiros colocam como proposta para Santo Domingo, a experiência dos agentes de pastoral negros, nestes 10 anos de caminhada. O documento número 48 da CNBB – Das diretrizes a Santo Domingo número 42 C, diz: "Acentuar a importância da Inculturação da liturgia e por isso criar institutos de pesquisas de expressões e símbolos que possam ser incorporados na celebração da fé.

O documento de Santo Domingo, propõe ainda com maior clareza a inculturação litúrgica. Há um avanço na caminhada e a proposta da igreja. Para a comunidade negra, o documento de Santo Domingo é de primeira grandeza. Santo Domingo nos números 230 a 243 fala da inculturação do evangelho e coloca a liturgia como lugar privilegiado desta inculturação.

4. Jesus Cristo: O Centro da Celebração

Toda celebração cristã, tem Jesus Cristo como o centro. Celebramos seu nascimento, paixão, morte e ressurreição. Ele é o filho de Deus. Nele encontramos todas as qualidades, forças dos nossos ancestrais. E o nosso antepassado maior. É para Ele, e com Ele, que cantamos, dançamos e comemos. Ele é o princípio e o fim de todas as coisas. Tomou sobre si todas as dores, sofrimentos, escravidão, racismo, discriminação. Mas com o Cristo, sentimos força para lutar contra todo o mal. No seu sangue

derramado, está presente o sangue de Zumbi dos Palmares, escrava Anastácia e todos os mártires da causa negra. Na sua ressurreição celebramos as nossas vitórias e conquistas. Vemos em Jesus Cristo o rosto de todos os negros. Jesus se identifica com todos os marginalizados. Nas nossas celebrações temos sempre presente as lutas de hoje. Menores abandonados, mulheres marginalizadas, a discriminação dos negros no mundo do trabalho, na sociedade em geral e na igreja. Cristo está no centro das nossas celebrações que são fortemente comunitárias e participativas. É para ele a festa e exuberância das nossas músicas, danças, palavras e gritos de dor e alegria. Nossas celebrações são sempre alegres e festivas, são liturgias de negros cristãos.

5. Nossas Celebrações

A liturgia é a fonte e expressão de toda a vida da Igreja (Sc 10). Também nos encontros dos APNs, a liturgia tem sido o ponto culminante. Celebramos ao ar livre, vivenciando a nossa ligação vital com a natureza. "Louvai ao Senhor no seu firmamento..." (Sl. 150, 1). A celebração é feita muitas vezes no chão, expressando assim a nossa relação amorosa com a mãe terra. O grande templo de Deus é a natureza e também o seu mais grosso volume. Nossas liturgias são mais criativas e cada celebração é por assim dizer, uma experiência única. Contudo, vamos descrever alguns momentos fortes de nossas festas de louvor.

1 – Ato Penitencial: Pedimos perdão, por aqueles que fizeram nossos pais de escravos, e por aqueles que ainda continuam a nos discriminar em todos os campos. Pedimos perdão para a igreja que pertencemos, e que foi conivente e participante do regime de escravatura, e ainda hoje muitas vezes é conivente com o racismo. E enquanto comunidade negra, pedimos perdão pelas vezes que não assumimos a nossa negritude, as nossas lutas e o compromisso de transformar este mundo num espaço de amor e compreensão. Usamos neste momento, incenso e água benta, com o sentido de purificação.

2 – Hino de Louvor: Reconhecemos que o grande hino de louvor, é feito por toda a criação. Glorificamos a Deus cantando, dançando e em algumas celebrações, jogando folhas para o alto. As folhas, representam a natureza generosa que nos dá os alimentos e também as ervas necessárias para curar as feridas da humanidade.

3 – A Palavra: A Palavra de Deus, é viva e eficaz. Deus falou de muitas maneiras através da história. Falou através dos profetas, dos antepassados africanos e por fim, falou através do próprio Filho. Acolhemos a Bíblia

com cantos, danças, palmas... Depois cantamos a esta palavra que brota da vida, da Bíblia e do nosso coração. Esta palavra é contada pelos mais velhos, recordando que a nossa tradição é oral. Em seguida há a partilha da palavra, a partir de nossas experiências.

4 – Oferendas: Ao Deus Pai Criador – oferecemos o pão e vinho, o bolo de fubá e a cachaça, a criança e o velho tão queridos na nossa cultura negra. Oferecemos as folhas, as flores, os frutos, as verduras, legumes e a água de cheiro. Oferecemos a nossa vida – lutas e vitórias.

5 – Consagração: Pela força do Espírito Santo, no meio deste povo negro que vive a fraternidade, a solidariedade no sofrimento, na dor e na alegria, Jesus só pode estar presente. Cristo é o centro. Entra o círio aceso e em volta dele velas de várias cores representando nossos antepassados. A consagração, ponto alto da celebração, Jesus presente no Pão e no Vinho. Para marcar a sua presença acendemos a pólvora-fogo-louvor. É ele que abre os nossos caminhos.

6 – Axé: Saudação da paz. Tocamos a mãe terra e os ombros dos nossos companheiros e companheiras, dizendo AXÉ. Axé é paz, energia, saúde, vitalidade. Não dá para traduzir, mas sentir.

7 – Comunhão: Comungamos o pão e o vinho – corpo e sangue de Cristo. Comemos também pipoca, as frutas, etc., comungando assim a nossa vida e cultura negra.

8 – Bênção Final: A bênção final, normalmente é dada pelos mais velhos. Por aqueles que carregam a sabedoria da experiência, e nossa tradição. Maria se torna unida a toda a nossa luta. Para nós, Ela é “Mama Máxima”, mamãe do coração: negra Aparecida. É para Ela que cantamos “*Negra Mariama*”. “*Negra Mariama*, chama para lutar em nosso movimento sem desanimar”.

6. Contribuições Para Uma Liturgia Viva e Participativa

Temos convicção, de que as celebrações dos APNs estão contribuindo para a igreja tornar-se mais católica, e mais aberta a todas as culturas. Chamaremos atenção apenas sobre alguns pontos, que a comunidade negra tem ajudado as liturgias a ficarem mais vivas e participativas.

1 – A Presidência: A função da presidência é de coordenação, colaborar para que todos possam participar bem, falando, cantando...participar com o ouvido, com a boca, com a vista, com as mãos, os pés e sobretudo com o coração.

2 – A Presença da Mulher: A nossa tradição africana dá grande valor à mulher. Nos nossos encontros e celebrações não pode ser diferente. Unimos às nossas irmãs negras na luta contra o machismo, inclusive eclesial.

3 – Cancioneiro Litúrgico Negro: Aos poucos também vamos formando o nosso cancionário litúrgico negro. “Oh! que coisa bonita, celebrar Deus da vida com festa e comida”. Há também canções, que nos reportam à Mãe África, como esta: “Eu quero ir para Angola, eu quero ir, eu quero ver o seu sol e o seu mar e minhas raízes estão lá”. Enriquecemos a liturgia com o canto, a música e os instrumentos, atabaques, bumbos, etc.

4 – União, Fé/Vida: A fé está profundamente unida à nossa vida. Incluímos na memória histórica todas as lutas do povo negro, o massacre da população negra na diáspora e o holocausto de nosso herói maior, Zumbi. A luta pela libertação é algo forte nas celebrações, como expressamos no canto: “Ei Zumbi! Zumbi ganga meu rei / você não morreu / você está em mim”

5 – A Arte Litúrgica: A liturgia sempre esteve muito ligada à arte. Trouxemos para o espaço litúrgico a nossa sensibilidade artística...as pinturas, os objetos sagrados de barro...e principalmente túnicas e estolas com as cores vivas da mãe África.

7 – CNBB: Acolhida às Celebrações Afro

No primeiro semestre deste ano, cerca de trinta pessoas, entre bispos, padres, religiosas e leigos Agentes de Pastoral Negros, reuniram-se com a “Linha 4” (dimensão litúrgica) da CNBB, para aprofundar o tema: “Inculturação Litúrgica Afro-brasileira”.

Além deste tema específico, o encontro teve os seguintes objetivos:

1 – Aprofundar as questões nas áreas: Litúrgicas, Antropológicas, Teológicas, Popular, Cultural e Religiosa, que ainda não se tem a suficiente compreensão.

2 – Assistir, debater, questionar, enriquecer algumas experiências registradas em vídeo, a nível de celebrações Afro-católicas.

3 – Elencar os elementos que já são comuns dentro da experiência negra-católica e que estão em harmonia com as orientações da igreja.

4 – Refletir sobre os elementos das ritualidades africanas que já entram nas liturgias católicas em seus respectivos países e quais destes elementos se encontram na vida do povo Afro-brasileiro, podendo entrar nas experiências litúrgicas do Brasil.

5 – Refletir sobre as várias posições que este tema suscita nos mais diferentes seguimentos da Igreja e da sociedade.

6 – Definir outros aspectos que precisam ser trabalhados nas próximas etapas, etc.

Os trabalhos nos encontros, foram realizados na forma de ampla participação. A partir da pergunta sobre “os elementos litúrgicos afros, que tem aparecido na comunidade” nestes 10 anos, foram observados os seguintes dados: “Dança afro, vestes coloridas, alegria, música, ritmo, expressão de identidade, libertação da raça, alegria, instrumentos -afros, atabaques, ofertas, comidas, procissões, partilha concreta, celebrações da vida, cesto com crianças, velas coloridas, incenso, água-de-cheiro, perfumes, odor, decoração do ambiente celebrativo, ritual, arranjos, beleza, penteado, tranças, coroa, estética negra na liturgia, novo jeito de celebrar, nova leitura da palavra de Deus a partir da ótica negra, recuperação do terreiro, espaço celebrativo, contato com a natureza (ar livre), espaço alternativo, toque da terra, a cabeça (enfeite), transmissão do axé, comunhão dos ancestrais, contato com a mãe-terra, natureza, ligação com a criação, folhas, plantas, flores, memória dos antepassados (invocação), ambiente circular, (comunitário), dimensão da arte africana, elementos básicos da natureza, (água, terra, fogo, ar), resgate bíblico da realidade concreta da vida, tradição oral, respeito pelo sagrado, mística do barulho, cantos mais vivos (agitados), presença dos mártires, resgate da dimensão afetiva, louvar a Deus de corpo e alma, localização do altar”.

A segunda pergunta motivadora dos debates, foi sobre “a função dos elementos”, anteriormente elencados, na liturgia e na cultura afro”. Foram dadas as seguintes respostas: — “A vivência pessoal da celebração. A dimensão comunitária. A presença da África no Brasil, através da beleza cultural, as cores na celebração. A dimensão pluricultural. A comunhão com os antepassados, a energia vital. Recuperação e promoção da identidade do povo negro. A valorização da vida. A tentativa e o desejo de compreensão do mundo, como fala o documento de Santo Domingo. O jeito particular de dançar. A dimensão da expressão corpórea, como louvação a Deus, trazendo um novo jeito de celebrar. O canto racionalizado. Na liturgia-afro há um esforço de recuperar a dimensão oral, para um público que não teve acesso à educação por isso as músicas são curtas e repetidas, de fácil memorização. A participação da mulher como elemento forte na celebração. A dimensão simbólica transmite a mensagem que se quer passar. Estes elementos dão ao povo a compreensão do mistério da salvação. Tornar vivos os efeitos e as ações de figuras historicamente importantes. Resgate histórico. Resgate das utopias das

culturas negras, na sua força, poder, dando energia aos participantes. Recuperação da mística de um povo. Resgate bíblico. Adaptação das reuniões a fortes elementos bíblicos. Os elementos simbólicos da liturgia representam a comunhão do humano com o divino. Fortes indícios do processo de inculturação. Compreensão do povo no Mistério da Salvação. Ajuda a reforçar a dimensão da festa. A participação é muito intensa, viva, envolve mais a assembléia. Recupera a dimensão familiar e comunitária”.

O grupo teve ainda possibilidade de acrescentar outras questões. Foram feitas, então as seguintes observações:

- 1 – “Resgatar os diversos estilos da dança de tal modo que possam ser utilizados na liturgia numa comunidade pluricultural.
- 2 – Resgatar a tradição oral na liturgia-afro.
- 3 – Superar o racionalismo litúrgico pelo simbólico.
- 4 – Valorizar as dimensões da festa e a realidade da ceia na celebração da Eucaristia.
- 5 – Aprofundar a questão das divindades, dos Orixás. Ligado a isto, a questão dos mitos da cultura afro.
- 6 – O sujeito e a assembléia a que se destina a celebração-afro”.

8. Conclusão

A memória celebrativa da caminhada dos APNs nestes 10 anos, mostra que trata-se de um processo irreversível. Convidamos a todos, portanto, para participar conosco deste processo. “Celebrar o Deus da vida com festa e comida”. Temos uma convicção muito profunda que é visível e palpável: a presença e a inspiração do Espírito de Deus nesta vitalidade celebrativa.

9 – APNs e Ecumenismo – Oh! Que Coisa Bonita! O Espírito, a Fé, a Força, o Axé!

Pe. Heitor Frisotti

1. Introdução

Ecumenismo é lutar, por uma terra melhor. Uma “terra habitada” (em grego, oikoumene) e habitável, isto é, digna. Poderíamos dizer que ecumenismo é “fazer do mundo a casa de todos, sem excluir ninguém”, onde as diferenças sejam respeitadas e valorizadas, onde todos tenham dignidade e participação, onde cada pessoa e cada grupo social (ético, religioso, racial, sexual, de idade, etc.) possa contribuir para o bem de todos, sem prejuízo de sua identidade.

Historicamente, a palavra ecumenismo foi resgatada no século passado pelas igrejas protestantes para superar a divisão dos cristãos, considerada um escândalo. Primeiro nas áreas de missão, no sul do mundo, onde mais feria pregar o amor e viver divididos, depois, no mundo inteiro, as igrejas foram se encontrando e se aproximando. Este processo envolveu a igreja católica também, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Aos poucos, a atividade do diálogo, do respeito, da busca de unidade foram adquirindo força e caíram barreiras: começou-se assim a dialogar com os “inimigos” da fé, ateus e membros de outras religiões não cristãs.

As igrejas costumam distinguir entre ecumenismo — que é o diálogo para a união dos cristãos — e “diálogo inter-religioso” — que é o esforço de aproximação para as religiões não cristãs. Mas há, hoje, quem prefira falar em “macro-ecumenismo” para significar todo esforço feito pelos que acreditam no Deus da Vida para chegarmos juntos, com nossas identidades e diferenças preservadas, a uma sociedade melhor.

A palavra “macro-ecumenismo”, foi usada pelos participantes da Assembléia do Povo de Deus, reunidos em Quito (Equador), em setembro de 1992. “Podemos experimentar, afirma o documento final desta assembléia, que além de potencializarmos cada dia mais o ecumenismo entre as Igrejas Cristãs, devemos abrir-nos ao Macro-Ecumenismo. Uma palavra nova para expressar uma realidade e uma consciência novas. Fio condutor de todo o Encontro, tema central de debates, confluências, tensões, buscas e esperanças. É um ecumenismo que tem as mesmas dimensões universais

do povo de Deus”. Esta última é também nossa opção pela experiência e história dos Agentes de Pastoral Negros.

2. Primeiros Passos

Desde os primeiros momentos de sua fundação, houve um olhar especial para com as religiões afro. Elas constituem um espaço de identidade negra, social, cultural e religiosamente estruturado. Os primeiros passos dados foram em direção à superação dos preconceitos e da discriminação; ao conhecimento das pessoas, comunidades e celebração; ao estudo histórico e antropológico. Muita atenção foi dirigida aos símbolos litúrgicos e à identidade negra que se manifestava na maneira de viver, celebrar e se organizar.

Assim, já no segundo encontro, em setembro de 1983, em São Paulo, houve uma rápida exposição sobre Candomblé. Constatou-se muito desconhecimento e a presença de vários preconceitos. Uma das perguntas do trabalho de grupo bem representava as características dos primeiros passos desta caminhada: “o cristianismo é religião para o negro ou a coerência com a negritude exige a conversão ao Candomblé?”. Nos outros encontros e cursos não faltou o pedido de maior aprofundamento sobre o assunto.

Num segundo momento, assistimos a uma preocupação mais ecumênica. Percebeu-se que as religiões afro-brasileiras não são um cofre cheio de tesouro bem guardados, mas comunidades de fé. Exigem respeito, declaram suas diferenças, são outro caminho. Foi o que transpareceu no testemunho sobre a vivência no Candomblé, no segundo curso sobre “A comunidade negra celebra a fé”, em julho de 1985, e nas abordagens do tema “Negritude e fé a partir do Candomblé”, no curso do ano seguinte.

Foi nestes anos que vários dos APNs descobriram que ecumenismo é mais do que conhecer uma outra fé e uma outra religião. Este período coincidiu também com a preparação à Campanha da Fraternidade de 1988, quando aconteceram os primeiros passos “institucionais” da caminhada ecumênica dos APNs, nos convites dirigidos a fiéis de Candomblé e Umbanda para participar de encontros, de celebrações litúrgicas e de vários eventos resgatando uma história ecumênica.

Os anos mais ricos da reflexão ecumênica entre os APNs foram, talvez, os de 1988 e 1989. Um primeiro sinal veio de um curso de formação para trinta lideranças negras cristãs promovido pela Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT) e os APNs, que se realizou em São Paulo, em janeiro de 1988. O grupo que trabalhou “O ecumenismo do

povo negro” fez uma distinção entre as práticas do ecumenismo oficial e as do ecumenismo popular e, a seguir, apresentou alguns traços do rosto de Deus que aparecia nesta experiência ecumênica. E afirmava: “O ecumenismo popular já existe. Não é reconhecido pelas Igrejas. É desrespeitado. É chamado, às vezes, de sincretismo. O povo negro (e as mulheres se destacam nisso) sabe reconhecer e celebrar o mesmo Deus nas diferentes religiões (ex.: religião afro e Igreja católica). É marginalizado por isso. Quando começarmos a andar por este caminho somos marginalizados e hostilizados. Nesta prática, como cristãos, recuperamos a identidade do povo negro”.

Abria-se assim uma perspectiva nova que não condenava a dupla prática religiosa de vários negros e negras, mas convidava a repensá-la a partir do ecumenismo popular. Mais tarde se apresentou uma reflexão mais antropológica. Enquanto a mentalidade ocidental moderna se rege pelo princípio de distinção, ou uma coisa ou outra, o negro pensa a realidade como não oposição e possível coexistência: uma coisa e outra. Religião para os europeus chega a parecer um partido: só pode participar de uma, suas fronteiras estão bem delimitadas e ocorre o perigo de expulsão se não se partilha dos princípios estabelecidos. Para os africanos, religião é vida, é família, é história dos antepassados. Assim como se vive uma família, se partilha ainda daquela dos pais e também daquela dos familiares do conjuge. Uma será a principal, mas não é possível arrancar a história e a fé que vêm de outra família, de outra experiência religiosa na qual também se descobre a força e a presença de Deus.

No ano de 1989 aconteceram mais dois encontros de APNs onde se tratou sobre as questões do ecumenismo. Cursos de formação para representantes regionais, em São Paulo, de 21 a 26 de janeiro, e o de formação do Quilombo da Grande São Paulo, em abril. Do primeiro nasceu um texto mimeografado que foi distribuído aos representantes regionais e a todos os grupos. Eis alguns trechos:

“Sabemos que para um verdadeiro ecumenismo devemos:

1 – Crescer na prática com os grupos, comunidades e realidades nas quais estamos inseridos;

2 – Reconstruir nossa identidade negra com todas as riquezas e valores do povo negro;

3 – Continuar o diálogo religioso para crescer mais no respeito das identidades, da história e das comunidades;

4 – Aprofundar a presença de Deus, Senhor da Vida e Libertador, ao nosso lado e em nossas religiões;

5 – Celebrar nossa caminhada, nossa história e nossa luta por uma nova sociedade unidos aos irmãos negros de outras religiões;

6 – Procurar novas expressões de ecumenismo vivido de comunidades particulares e liberativas.”

O texto, após lembrar algumas das motivações da caminhada ecumênica dos APNs e também seus limites, pedia um compromisso de pleno respeito: “Estes anos também nos ajudaram a perceber as diferenças que nos distinguem. Não queremos fazer ecumenismo só nos pontos em comum, mas trabalhar também estas diferentes identidades religiosas (ritos, símbolos, expressões, história da fé, etc.) que nos enriquecem, nos questionam e nos fazem caminhar no respeito da diversidade sem assimilar ou suprimir. É fundamental sabermos respeitar as tradições, isto é, a história e as identidades das comunidades religiosas e o que as simboliza. Ao mesmo tempo, a militância e a superação dos preconceitos e discriminações nos fazem experimentar novos caminhos e formas de fazer e celebrar.

3. Desafios

Uma nova preocupação veio do encontro com Agentes de Pastoral Negros e negras protestantes. Em várias ocasiões, nos confessaram as dificuldades de suas comunidades em superar os preconceitos e até em aceitar falar em diálogo com as religiões afro-brasileiras ou em catolicismo popular. Não se trata de estar à frente ou atrás na caminhada, mas de comunidades que obedecem a outro modelo eclesial, com uma história e vivência bem definidas, diferentes das da Igreja católica, e pedem que a problemática seja situada também desde outro ponto de vista. A organização eclesial, a liturgia e algumas preocupações teológicas das Igrejas protestantes (como as afirmações de Jesus Cristo, único Salvador e Mediador, e a centralidade da Bíblia devem também estar presentes em nossas reflexões, pois o verdadeiro diálogo ecumênico aceita e faz própria a preocupação do outro.

A partir destas novas percepções e práticas, muitos APNs assumiram a defesa das religiões afro-brasileiras quando desrespeitadas e discriminadas. A dor por estas discriminações motivou uma maior solidariedade e aproximação, mas não de muitos, para ser sinceros. Constatamos, infelizmente, que o sofrimento também afastou companheiros e companheiras e freou um pouco nossa caminhada ecumênica. Os encontros se reduziram, as iniciativas minguaram, a disponibilidade em levar para frente vários questionamentos novos enfraqueceu. Inclusive, um

conhecimento maior das comunidades-terreiro, que agora apareciam também com seus limites e contradições provocou um certo desorientamento.

Apesar de tudo, há Agentes de Pastoral Negros e Negras e vários outros que hoje estão mais vinculados a uma prática ecumênica. Eles repensam práticas cristãs e de Candomblé ou Umbanda; envolvem-se e participam de comunidades-terreiro e irmandades; perguntam-se pela fé, ensaiam teologia ou encaminham pequenos passos para uma melhora do relacionamento entre comunidades de fé, ou das condições de vida da população negra. Isso aconteceu em vários estados: Maranhão, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, entre vários outros, que já foram testemunhas destes esforços ecumênicos.

Assim existem vários desafios, perguntas e preocupações nesta caminhada: nosso ecumenismo é ainda dominado por vivências religiosas mais do que sociais? Nossa opção deve limitar-se a acompanhar as vivências ecumênicas populares? E aquelas inúmeras pessoas que participam dos espaços de fé das Igrejas e das religiões afro ou que precisam de um esforço mais comunitário e libertador? Como envolver os outros cristãos e os membros das CEBs nesta caminhada? Nossa atenção não deveria se dirigir, além das religiões afro, também, à outras experiências negras de fé? Nossos grupos são ecumênicos também na composição de seus participantes? Por que não conseguimos ainda um grupo de assessoria em nível regional e nacional? Confiamos que nos próximos anos possamos encontrar novos encaminhamentos e respostas a estes desafios.

4. O Novo Rosto de Deus

Nas conquistas que não podem ser esquecidas. Esta caminhada ecumênica nos fez descobrir um novo rosto de Deus ou melhor, o verdadeiro rosto de Deus:

“O rosto negro de Deus que é vida, próximo, Pai e Mãe, o mesmo e o outro; a revelação de Deus através da natureza e dos Orixás; a presença dos antepassados; a tradição, os símbolos e os ritos a ela ligados; a comunidade ampla e verdadeiramente fraterna; a presença e o papel da mulher na vivência de fé; a recuperação de uma história verdadeiramente ecumênica do povo negro.”

Descobrimos também o Deus do diálogo que gosta de se manifestar no encontro, que faz nascer o novo, que entende o choro e a necessidade de carinho. O Deus que sabe esperar pelos primeiros passos e pelo tempo certo como uma Mãe sabe fazer, que também levanta, acaricia e cura quem

tropeça e cai. O Deus que sabe namorar e vibrar de paixão, respeitar e deixar que o outro, a outra, cresçam na sua identidade e história de fé e comunidade. O Deus, Pai e Mãe, Irmão e Irmã, que tem no amor, na solidariedade, na dor e no futuro comum, sua aposta principal.

Recordamos aqui as palavras de uma participante do encontro sobre “O rosto negro e feminino de Deus”:

“Várias vezes já nos encontramos para refletir as maneiras como nosso povo, sobretudo as mulheres negras, vêm reconhecendo o novo rosto de Deus. É o Deus Vida que se fortalece dentro de um contexto de morte. A ação deste Deus se mescla na ação de seu povo: Ele é como a mulher trançadeira que, enquanto trança os cabelos das meninas, mantém viva a cultura negra; Ele é a mulher menstruada que sangra sempre, para renovar-se, renova-se para gerar o novo; Ele é a Mãe que pega nas mãos dos filhos e os ensina a caminhar sempre; Ele é a avó que doa seu tempo para recordar aos netos o nome do povo ao qual pertencem; Ele é uma mulher grávida que deu à luz os mundos, os Orixás, os povos todos. Ele é uma menina faminta, violentada escravizada; Ele é uma jovem negra guerreira e sensível às dores do seu tempo.

Este Deus Vida é a mãe de nossos ancestrais, de nossos Orixás. É Mãe daqueles que se doam pela justiça, pela igualdade, e por isso cremos que é Mãe de Jesus Cristo também. Esta visão do Deus Vida veio percorrendo silenciosamente os longos anos de sofrimento resistindo ao genocídio negro, à falsa libertação, à evangelização cristã distorcida, à miséria do povo. Porém chegou o momento: o que foi concebido no silêncio da noite é gerado no rumor do dia.”

5. Conclusão

Graças ao encontro de fé, a “história de salvação” celebrada nos terreiros, aos poucos, se torna nossa também. Não no sentido de que possam apropriar-nos dela, mas no sentido de que é Palavra de Deus para nós também, alimento e esperança na caminhada. Nestes 500 anos de opressão e de exclusão, de luta e de resistência, Deus carregou no ventre, todas as dores e sonhos de libertação dos pobres e do povo negro. Esta fé hoje nos anima a resgatar esta história, os vários testemunhos de fé, nossas identidades culturais e religiosas, e nos anima também a lutar para a superação do racismo, do machismo, da pobreza e de toda exclusão da cidadania e participação. Ecumenismo é também fazer tesouro de todo o fruto de vida gerado por Deus na história do povo negro e tornar esses frutos sementes de uma nova sociedade.

Com efeito, não há verdadeira prática ecumênica se ela não envolver comunidades concretas no esforço de superação das discriminações e na luta pelo reconhecimento e respeito das diferenças. Trata-se de estudar caminhos e condições de possibilidade para uma sociedade plural (também religiosamente), em que a vida seja preservada e alimentada.

É mais fácil, então, entender o ecumenismo como “um jeito de caminhar” mais do que como um setor de nossa atividade ou pastoral. Não se pode reduzir o ecumenismo a uma prática de poucos ou poucas que estão interessados nas questões religiosas e esvaziá-lo de toda sua carga política e libertadora.

Assim como a luta contra o racismo e o machismo não são só questões culturais e ideológicas que se somam às outras divisões sócio-econômicas, o ecumenismo não é uma luta à mais. A fé no mesmo Deus que se manifesta de maneiras diferentes, nos ajuda a reconhecer a necessidade de construir uma sociedade plural e participativa. Este mesmo Deus que luta em favor dos oprimidos(as) e se faz vítima do poder, nos faz acreditar que um projeto político só será autêntico se contemplar a dor e o grito dos excluídos(as).

10 – Os APNs e a Reflexão Teológica

José Geraldo Rocha

1. Introdução

A realidade vivida pelo povo negro nos últimos anos veio criando inquietações nas pessoas que foram se envolvendo com as lutas de organização e libertação deste mesmo povo na América Latina.

Em 1984, a regional latino-americana da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT), tomando consciência da importância da contribuição do grupo afro-americano e suas expressões religiosas, assim como a carência na reflexão teológica latino-americana que não tem levado em conta esta contribuição, traçou um programa de consulta e reflexão sobre a relação entre cultura negra e teologia.

A comissão organizadora da *Consulta Sobre Cultura Negra e Teologia na América Latina*, reunida em São Paulo de 06 à 08 de dezembro daquele mesmo ano, traçou o marco conceitual e organizativo desse evento. Participaram da comissão organizadora: Manuel Zapata Olivella (Colômbia), Antônio Aparecido da Silva (São Paulo – Brasil), Edir Soares (São Paulo – Brasil), Márcia Cruz da Silva (São Paulo – Brasil), José Oscar Beozzo (São Paulo – Brasil), Marcos Rodrigues da Silva (Florianópolis – Brasil), Júlio de Santa Ana (São Paulo – Brasil) e Amélia Tavares Correia Neves (São Paulo – Brasil).

A consulta foi realizada de 08 à 12 de julho de 1985, em Nova Iguaçu, um subúrbio na periferia do Rio de Janeiro, lugar de grande concentração das comunidades negras no Brasil, onde além de sofrerem grande discriminação racial, as comunidades são ainda vítimas da violência policial.

O encontro teve a participação de trinta pessoas, das quais vinte e cinco eram negras (dezoito homens e sete mulheres) e cinco brancas. Além dos cristãos (entre os quais estiveram presentes Católicos, Metodistas, Presbiterianos, Batistas e Episcopais), também participaram pessoas que praticam Vodun, Candomblé e Lumbalu. Vieram pessoas do Haiti, República Dominicana, Curaçao, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Peru e Brasil.

Entre os temas abordados, destacaram-se: “Identidade e Lutas de Libertação do Negro: seus questionamentos e desafios à teologia”; “Situação da Família e da Mulher negra nas Américas”; “Culturas e Religiões do negro na América em relação com a Teologia da Libertação”. Algumas outras questões, como por exemplo, “O Sagrado, Deus, Sincretismo”, “Racismo e Religião”, “Racismo e Sexismo”, também foram debatidas.

Os Agentes de Pastoral Negros diante de tantos desafios colocados por causa de sua fé e militância eclesial a partir da negritude, também se sentiram impelidos a responder teologicamente alguns desafios, os quais, nenhuma teologia ainda havia dado conta, ou ao menos tentado responder. Como por exemplo: É possível pensar uma Teologia Negra no contexto da América Latina? É pertinente refletir, organizar, sistematizar uma teologia onde o referencial, o sujeito, o método, os objetivos sejam o mundo do povo negro com sua problemática, suas necessidades e aspirações? Como fica a legitimidade desta teologia? Quem vai reconhecê-la? Tem que ser reconhecida? Por quem?

Foi assim que em 1987 nasceu a possibilidade concreta de um pequeno grupo se reunir para trabalhar inicialmente estas questões e tantas outras que se somaram a elas.

Inicialmente o grupo era composto de 16 pessoas mais um assessor, sendo oito católicos e oito protestantes. As dificuldades foram de toda natureza, desde as financeiras, com hospedagem e alimentação, até as de cunho ideológico e pastoral.

O exercício de partir da prática, organizando a reflexão e as questões, era algo deveras muito difícil. Não era hábito nosso. Até pensávamos que esta coisa de escrever era algo para os intelectuais. A vontade-tentação era buscar algo que já havia sido escrito em alguns livros referentes aos temas, mas não havia muita coisa. O que mais havia estava guardado à chave e esta chave quem a possuía éramos nós, pois o que existia advinha de nossa prática e quem dela podia falar éramos nós.

O grupo que iniciou em 1987 veio até 1988, onde no final do mesmo fomos surpreendidos pelo interesse de outras pessoas do meio dos Agentes de Pastoral Negros, que faziam, também, uma caminhada na mesma direção. Nasceu assim um novo grupo.

Muito empolgados com estas novidades, com as descobertas apontadas com a experiência dos anos de 1987 e 1988, e ainda com tantas questões levantadas, começamos a trabalhar no ano de 1989 com um grupo de 23 pessoas, buscando responder para nós mesmos, para nossas comunidades e grupos, algumas questões a partir do mundo da teologia

que vivenciávamos nas comunidades em meio ao povo negro. Éramos negras e negros de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João do Mereti, Volta Redonda, Barra Mansa, Três Rios, Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Vitória.

A descoberta de que a teologia não é privilégio de uns poucos que podem cursar as faculdades, mas sim um dom e compromisso dos que nas comunidades conservam uma abertura para a ação do Espírito de Deus e a quem querem refletir e aprofundar foi decisiva para darmos continuidade à Teologia Negra de Libertação.

2. Objetivos da Teologia a Partir do Povo Negro

Partindo da realidade do povo negro, da sua situação, é necessário fazer uma leitura da experiência de Deus na vida desse mesmo povo. A percepção desta experiência de Deus se dá sobretudo através do chamado que recebemos enquanto negras e negros a ver, ouvir e sentir os anseios de nosso povo. A vivência encarnada nesta realidade faz-nos buscar concretizar um projeto de libertação, um projeto de vida para nosso povo em meio ao nosso povo.

Nosso anseio de libertação encontra eco na história de libertação do povo Hebreu, que clamou e Deus ouviu o seu clamor (ex. 3.7). Por isso Deus saiu em socorro do povo.

Por causa da opressão que sofremos, nós negras e negros sentimos identificados com o povo Hebreu no Egito. Tivemos longa história de escravidão e amargamos a marginalização degradante desde o “fim da escravidão” até nossos dias. Porém, percebemos que o Deus da Vida não nos abandonou, pois nossa própria história demonstra os sinais desse Deus na resistência dos nossos antepassados. Isto vem nos dizer que a teologia deve ajudar a reafirmar nossa identidade e compromisso com a causa do nosso povo.

São, pois, objetos da teologia a partir da situação do povo negro: Contribuir com as comunidades nas quais estamos inseridos, na explicação do Deus vivido por nós e nossos pais; levar à consciência e à convicção da luta do povo negro e demais empobrecidos. Não se pode crer e esperar libertação sem crer, sem apostar e sem solidarizar-se com a luta, com a vida ameaçada dos pequenos; indo por este caminho, obrigatoriamente a teologia ajuda a Igreja a tornar-se viva, mais povo, mais serviço, mais alegre, mais dinâmica, mais feminina e mais negra; ajudar a despertar e a fortalecer nossa negritude a partir do dado da fé, para buscarmos a justiça negada ao povo nestes séculos de histórias; fortalecer nossas práticas de

fé em vista do Ecumenismo Popular, que tem como ponto de partida a luta pela justiça, pela vida. Despertar negros e negras para que a partir da fé, possamos inserir-nos nas lutas de transformação social.

2.1. Motivações

Ao falarmos de motivações, uma das primeiras constatações que poderíamos fazer é: Ninguém faz nada ou deixa de fazer se não for por algum motivo. Desde as coisas mais pequenas até as coisas mais fantásticas, inclusive passando pelos absurdos que trazem consigo explícita ou implicitamente.

Quando aqui queremos tratar da teologia a partir da comunidade negra, não é diferente. Quem se dispõe a esta reflexão tem os seus motivos. Os nossos grupos fizeram questão de acentuar as motivações para um trabalho nesta perspectiva: Conhecer mais de perto o Deus que se identifica conosco. Reescrever a nossa história a partir de nós e da nossa fé. Refletir as razões de nossa vida em meio a tanta morte. As práticas de fé presentes em nosso povo. O nosso ser negro com suas implicações.

2.2. A Descoberta da Identidade

Não ousaríamos dizer que esta seja a primeira motivação de onde se origina nossa reflexão teológica, porém, afirmamos que se hoje estamos mergulhados nesta questão foi por que um dia nós entramos para a discussão da negritude. Foi aí que começamos nossa identidade. Então passamos a perceber distorções no comportamento da sociedade em relação ao nosso povo, pelo fato de ser ele negro. Esta descoberta do nosso ser negro tem nos levado a buscar nos vários setores da sociedade uma "nova forma" de viver.

2.3. Recontar a História

Recontar a história constitui para nós negras e negros, numa das maiores formas de fazer brilhar novamente o orgulho de nosso povo. Nós Agentes de Pastoral Negros batemos insistentemente na tecla do recontar a história. Este recontar está intimamente ligado com a descoberta da identidade, ou até mesmo podemos dizer, foi um dos meios utilizados para descobrirmos nossa identidade. E nós não cansamos de contar a "história que não foi contada". Acentuamos o resgate dos nossos heróis, a resistência do nosso povo, suas lutas, seus valores religiosos, culturais, etc...

A questão da história é muito importante; sem a indagação histórica é difícil projetar. Ninguém toma decisões em cima do "nada". Quantas vezes afirmamos: "Deus age na história", então, sem memória da história, não se poderá saber quais os feitos de Deus? Dominar a história, entendê-la, conhecê-la, é ter poder para intervir de forma transformadora.

O povo negro teve sua história negada, sufocada e reprimida. Hoje necessitamos resgatá-la. No resgate da memória histórica, que nós chamamos de "ter a história nas mãos", está a certeza de poder novamente sonhar com a liberdade, com a justiça e com a verdadeira vida.

2.4. Razões para Vida é Justificativa para Nossa Fé

A situação de morte na qual está mergulhado o nosso povo negro, e o trabalho que nós, Agentes de Pastoral Negros desempenhamos constituem "novos caminhos". O que tem tudo isto a ver com a fé que temos? Nós sentimos, que no recontar nossa história neste contexto social, o dado da fé é de fundamental importância. O nosso povo, segundo demonstra a história partilhada entre nós, teve a sua fé como um elemento característico de sustentação e resistência.

Nesta busca de razão para vida, estamos descobrindo nos grupos e comunidades, que existe um Deus diferente que nos fortifica enquanto negras e negros, e que este Deus necessita ser por nós explicitado. Esse Deus vai ocupando lugar de destaque em nossa vida e nós o partilhamos nos grupos. Desse nosso jeito de partilhá-lo vai nascendo uma maneira própria de reflexão teológica.

3. Povo Negro e Teologia: Pressupostos

Para que a teologia tenha algo a dizer ao povo negro, alguns elementos são indispensáveis. São pressupostos e exigências, sem os quais torna-se muito difícil compreender e aceitar que a teologia seja nossa. Um dos pressupostos é a memória.

3.1. Teologia e Memória

A memória histórica do nosso povo é imprescindível na reflexão teológica. Quem não consegue recordar a própria memória, dificilmente, para não dizer impossivelmente, conseguirá encontrar razões suficientes para viver. Num trabalho teológico, a memória é que nos conta as formas pelas quais Deus interveio na vida do povo. A memória é que nos mostra como

Deus agiu na história do nosso povo escravizado nesta terra de senhores brancos, fazendo-o resistir à dominação inescrupulosa dos colonizadores. A memória funciona como elemento atualizador das manifestações do Deus da vida na história de morte do povo negro maestrada pelos brancos. Por causa da memória, que faz-nos reconhecer os benefícios de Deus na história é que hoje o povo negro se organiza para buscar uma sociedade nos moldes do projeto pensado por Deus para toda a humanidade.

3.2. Participação Efetiva na Reflexão Teológica

Um pressuposto importante na reflexão teológica a partir do povo negro, é levar em conta as suas lutas e organizações. Não basta que outras pessoas olhem nossa situação, decidam por nós e escrevam sobre nós. O que escrevem, muitas vezes, não condiz com o que vivemos. A reflexão teológica a partir do povo negro, deve ser feita propriamente por negros e negras, ou seja, por aqueles que conosco vivem. É necessário conhecer os anseios do nosso povo, a história, a dor, o sofrimento, as alegrias e as esperanças. Conhecer neste caso, significa amar, sentir, sonhar, buscar, aspirar. Isto é, embriagar-se da situação do povo negro e partilhar tudo isto. Só é possível uma "Teologia Negra", a partir de uma participação efetiva no meio do povo negro.

Novos moldes de se fazer teologia precisa ser encontrado, para que esta possa ser realmente do povo. Essa história dos "iluminados" vir ver nossa situação, voltar para seus gabinetes e "fazer" a teologia, já não responde mais o desejo dos empobrecidos, e de modo muito particular do povo negro.

A experiência de Deus que fazemos é comunitária, daí a sistematização desta experiência também ser uma tarefa comunitária. Na experiência de vida do povo negro, o fazer junto é de suma importância, pois é a hora onde cada um contribui à sua maneira falando, cantando, escrevendo, pois a teologia que nasce do nosso meio é mesmo possível ser trabalhada pelos teólogos e teólogas que nunca tiveram acesso aos bancos escolares. Numa produção coletiva cada um dá o que tem. Do esforço de cada um, brota uma nova teologia.

A teologia negra nos coloca como exigência uma abertura para o que é do povo negro. O comum na sociedade é rejeitar o que é do negro. Nós no entanto, proclamamos o contrário. É necessário deixar-nos embriagar pela história do negro, pela mística do pobre, pela mística da luta e pela mística do reino.

4. Conclusão

A América Latina oprimida, explorada, empobrecida é o chão fértil de onde nasce no povo a esperança de um Deus libertador. Ecoa nos seus quatro cantos o clamor deste povo por libertação. Deus se faz solidário, caminhando e ajudando o povo a fazer a sua Páscoa, saindo de uma situação de morte para uma situação de vida.

Alguns teólogos solidários também com as causas do povo, abertos ao Espírito Santo de Deus, que renova todas as coisas, dão novos rumos à reflexão teológica no nosso continente. Buscam trabalhar a partir do Deus que se revela na vida deste povo, empobrecido. Muda-se o lugar a partir de onde se faz teologia, muda-se o método de análise da realidade. E a Igreja neste momento quer ser a vez e a voz de um povo sem vez e sem voz; realidade encarnada pelos teólogos da libertação.

Nos últimos anos estamos descobrindo que estes empobrecidos têm rosto e história. Na América Latina a maioria destes empobrecidos, é negra. O povo negro faz uma experiência própria de Deus. O Deus dos oprimidos em nosso meio assume o nosso rosto, nossa cor, nossa cultura, nosso jeito. Uma nova reflexão teológica, não poderá jamais admitir que se professe a fé em Deus que semeie espanto, terror, morte e em meio ao povo negro como o Deus proclamado no período da conquista e colonização. Ela exige que professemos a fé no Deus libertador. Esta fé permite ao povo negro entrar na história como agente transformador da mesma.

Professar a fé no Deus libertador, para nós, significa não temer à transformação pela qual deverá passar a sociedade, a igreja, para que os pobres e os negros tenham vida. Significa, ainda, crer que as diferenças dos povos, das suas culturas, das religiões, não são contrárias ao reino, mas são manifestações da riqueza, das maravilhas da obra criadora de Deus. E, exatamente por isto não podem ser perseguidas e muito menos eliminadas. Crer no Deus libertador é aceitar que Ele se manifeste de diferentes maneiras, nos diversos lugares, nos variados povos. Crer no Deus libertador é crer que Deus escolhe os fracos para ajudar na construção do reino e lhes dá lugar privilegiado. É crer que Deus toma a defesa e o partido dos pequenos, para que estes possam proclamar a vida querida por Deus. É crer no povo negro como novo sujeito histórico e novo sujeito teológico. Um novo sujeito comunitário. Uma nova forma coletiva de ser.

11 – APNs e Nova Prática Educacional

*Petronilha Beatriz G. e Silva
Vera Regina dos S. Triumpho*

1. Introdução

Os diversos grupos de Agentes de Pastoral Negros, distribuídos pelas diferentes regiões do País, enquanto integrantes do movimento negro, são um lugar privilegiado de educação do povo negro. Pois, o movimento negro, como qualquer movimento social, ao se constituir em bloco de luta em favor da cidadania de grupos que a sociedade marginaliza, por julgá-los inferiores, constituiu-se antes de mais nada em apoio a uma educação positiva destes grupos.

Por educação positiva entendemos aquela que, ao preparar a criança, o jovem e também o adulto para assumir com dignidade o seu papel de cidadão, lhes fornece conhecimentos e apoio psicológico, para afirmar os direitos da classe social que integram, do grupo étnico de que fazem parte, assim como de seu próprio gênero, e assim fazê-los respeitados.

Os APNs, participam da vida, dos trabalhos e sobretudo da luta de pessoas sem casa, sem emprego, sem terra, sem acesso aos serviços de saúde e educação. Assim, percebam que a sua participação junto à população não pode se restringir a ajudar na resolução dos sérios problemas de sobrevivência física. Há outros problemas, que estas pessoas enfrentam, enquanto descendentes de um povo menosprezado pela sociedade, que precisam ser abordados.

As atividades dos APNs vieram contribuir para a valorização da cultura negra, como forma de reerguimento moral e psicológico das populações descendentes de africanos.

O que une os diversos agentes às populações com as quais trabalham é a fé em Cristo, manifestada nas expressões católicas, protestantes (metodista, luterana, presbiteriana...) e também no reconhecimento da fé nos Orixás.

Esta experiência ecumênica vivida sem formalidades, embora com dúvidas, recriminações por parte de alguns, desconfiança por parte de outros, é uma experiência rica. É muito importante descobrir o Cristo

negro, os Orixás, ancestrais. Descobrir que a nossa lógica ao encarar a vida, a nossa relação com as pessoas, com o mundo, com Deus, engloba o nosso corpo todo: seu físico, suas emoções, sentimentos, ansiedades, desejos, esperanças, inteligência, raciocínios, discernimento, fé, consciência. É uma experiência que expressa, sem vergonha, inibições, o louvar a Deus. Nossa razão e nossa alma, fazem parte do nosso corpo.

2. A Prática Educacional dos APNs Através dos Encontros e Celebrações

Com a intenção de fazer reconhecer o valor da cultura do povo negro, e com as experiências vividas neste sentido, múltiplas iniciativas vêm sendo tomadas, ao longo dos anos, para desvendar nossa história, analisar nossas realidades, compreender a situação de opressão que nos foi imposta, assim como para organizar estratégias, tomar medidas para superar esta situação. Entre as iniciativas tomadas pelos APNs, é importante lembrar os “cursos de formação” que são parte importante da caminhada destes 10 anos. Os cursos, assim como os “encontros nacionais” têm contado com a assessoria de integrantes de diferentes grupos APNs, sejam eles qualificados academicamente, ou até mesmo pessoas sem escolaridade, mas cheias de experiências.

Outra iniciativa importante, tão valiosa quanto polêmica é a busca de uma expressão religiosa afro, manifestada nas celebrações. Talvez se pergunte: mas o que há de educativo nisto? A realização das celebrações requer estudo. Exige a busca da memória dos mais antigos; estabelece um necessário relacionamento entre candomblecistas, macumbeiros, batuqueiros, umbandistas, etc... Este estudo, põe as pessoas interessadas em contato com as raízes genuinamente africanas. Existe algo tão importante na educação das pessoas quanto conhecer, valorizar e expressar com orgulho suas raízes?

As celebrações afro também propiciam uma importante prática educativa. É nestas oportunidades, sobretudo, que as crianças, lado a lado com os adultos vão se educando. Elas participam das sessões de estudo, ficando a seu critério o tempo que vão ficar ouvindo, a hora de dizer sua palavra. Elas podem também tomar parte ativa nas celebrações. Além disso, há momentos de trabalho que são exclusivos só para elas.

3. APNs e Educação Informal

Os APNs, ao privilegiar os trabalhos nas comunidades pobres e desfavorecidas pela sociedade, têm dado uma importante contribuição

para a educação não formal das populações negras, que vivem nas periferias das cidades. De um lado, estão preocupados com a recuperação da auto-estima positiva das crianças negras que são levadas a se sentirem “feias” por causa da sua pele negra, seu nariz chato, seus cabelos não lisos, e por serem qualificadas, não raramente, de pouco inteligentes. De outro, os APNs acreditam ser preciso preparar as crianças para que enfrentem as discriminações que sofrerão no dia-a-dia, inclusive na escola.

Assim, orientadoras educacionais e psicólogas negras trabalham diretamente com crianças, ou ensinam a outros adultos como fazê-lo. Vestem-se com roupas e adornos de inspiração africana, penteiam-se, valorizando o crespo de seus cabelos, e estimulam as crianças também a fazê-lo. Elogiam a cor da pele das crianças, seu narizinho chato, lábios grossos, maçãs do rosto salientes, as nádegas cheias das meninas, discutem com as crianças qual a melhor maneira de responder às agressões. Explicam-lhes a importância de aprenderem o que na escola é ensinado, para serem futuramente cidadãos conscientes. Apóiam atividades artístico-culturais, em que o ser descendente de africano é valorizado.

Dentre as atividades artístico-culturais, a dança é a mais desenvolvida. Mais do que preservar o ritmo dos batuques, das músicas, das danças, este tipo de atividade faz com que as crianças participem engajadamente da constante recriação da nossa cultura de africanos na diáspora, e sobretudo, ensina-lhes a valorizar o corpo todo: o físico, a inteligência, a alma, os sentimentos, a fé.

Outras atividades importantes de caráter artístico são: a pintura de tecidos com a técnica do batiqúe, a confecção de adornos, como colares, pulseiras, brincos, com sementes e grãos, a construção de instrumentos, como berimbaus, chocalhos, tamborins.

Estas atividades têm repercussão não só apenas na comunidade negra; crianças e professores APNs têm-nas levado para as escolas. Assim, juntamente com outros grupos do movimento negro, os APNs apresentam argumentos fortes para os administradores dos sistemas de ensino que, cada vez com mais frequência, vêm criando projetos de valorização da cultura negra e de combate ao racismo.

4. Comunidades Negras: Conquistas na Educação

Vê-se, pois, que não se trata de atividades meramente recreativas, mas de gesto político que vem atingindo resultados. Neste sentido é de se destacar, o inegável papel do grupo de APNs, em Santa Cruz do Sul – RS. Neste município do interior do Estado, a Prefeitura, primeiramente

instituiu o 20 de novembro, como o dia municipal da consciência negra; em 1988, estabeleceu-se que, a exemplo da Oktober-fest, em novembro deve realizar-se, durante uma semana a Festa Afro-Brasileira; e, mais recentemente promulgou dispositivo legal que inclui “A História do Negro”, nos currículos das escolas municipais.

Além das atividades artístico-culturais, há grupos de APNs que criam uma sistemática de ensino, visando a apoiar o estudo das crianças e oferecer reforço àquelas que sentem dificuldades em vencer na escola. Importante proposta dos APNs é a que consiste em trabalho junto à crianças que vivem na rua e/ou tiram seu sustento na rua. A iniciativa da proposta, sua concepção e implantação se deveu ao saudoso Pe. Batista, que iniciando trabalho, em São Paulo, com meninos da praça da Sé, incentivou diferentes grupos de APNs a se dedicarem a esta tarefa. Com o objetivo de apoiar estas crianças e de criar ambiente em que pudessem se educar para assumirem seu papel de cidadãos produtivos, conscientes das suas raízes africanas e críticos da sociedade injusta, Pe. Batista, criou o Instituto do Negro. Embora não seja esta uma instituição dos APNs, boa parte das pessoas que a administram e assessoram o são.

O instituto do Negro nasceu dos ideais dos APNs e com apoio destes. Dentre suas promoções destacamos, aqui, três que como as demais envolvem o esforço e criatividade de muitos Agentes de Pastoral Negros. Em primeiro lugar, lembramos as “Jornadas Nacionais Contra a Discriminação”, em que crianças e jovens de diferentes estados comparecem, trazendo contribuições, a partir das suas vivências. Questionam a sociedade discriminadora e desigual em que vivem, além de proporem ações que mudem sua situação de desprotegidos da sociedade.

Outra iniciativa que mereceu destaque foi o seminário sobre “criança negra e violência”, realizado em 1989 juntamente com o Comitê Nacional do Menor Contra a Discriminação, que reuniu intelectuais negros, atuantes em diferentes áreas profissionais e do conhecimento, com a intenção de buscar encaminhamentos para evitar e punir toda a prática contra as crianças negras: do extermínio nas ruas à morte psicológica provocada por meios de comunicação.

Ainda cabe registrar as bolsas de estudos que o Instituto do Negro oferece a universitários negros interessados em empregar o que vão aprendendo nas instituições de ensino superior, desde logo, em favor da criança descendente de africanos. Dos bolsistas atuais, bom número é Agente de Pastoral Negro, os demais atuam em outros grupos do movimento negro.

Os trabalhos do Instituto do Negro inspiram grupos de APNs, que em diferentes estados da Federação, vêm com maior ou menor intensidade, conforme as suas circunstâncias, desenvolvendo trabalhos com crianças abandonadas pela sociedade. É o caso do Rio Grande do Sul, que já em 1984, organizava o CECADI – Comitê Estadual da Criança e do Adolescente Contra a Discriminação, cujos trabalhos chamaram a atenção da Secretaria da Educação do Estado, e que com o suporte de alguns APNs professores, elaborou e implantou, em escolas estaduais, o projeto “O Negro e a Educação”.

Agentes de Pastoral Negros professores, têm realizado encontros voltados para a questão do negro e a educação. Tais eventos se desenrolam entre APNs, ou no lugar de atuação dos referidos professores: escolas de ensino de 1ª e 2ª graus, universidades, sindicatos de classe, partidos políticos, clubes recreativos, etc... As discussões nestas oportunidades não se restringem à educação escolar, por isso abrangem e incluem outros educadores, como atendentes de creches, assistentes sociais, pessoas interessadas em criar situações de educação positiva para a criança negra.

5. Conclusão

Nestes 10 anos de existência, cada APN se sente responsável pelas crianças negras e conseqüentemente pelas crianças Brasileiras. Assim, assume o seu papel de educador (formal ou não formal) e vem dando junto com os companheiros, significativa contribuição à educação Brasileira, seja nas comunidades de base, nas mais variadas atividades educativas, seja no sistema público de ensino municipal, estadual ou federal.

12 – Em Memória do Padre Batista

Pe. José Enes de Jesus

Nem tudo poderia ser alegria na celebração destes 10 anos dos APNs. A saudade do Pe. Batista, dói em cada um de nós seus companheiros de caminhada. Introduzo esta breve reflexão em sua memória, com um poema que a companheira Dulce Maria Pereira fez por ocasião do primeiro aniversário da morte do Pe. Batista.

“Um Ano Sem Padre Batista”

Benedito de Jesus Batista Laurindo:
O Padre, o negro Batista.
Sem medo da vida, da opressão,
do dia ou da noite;
Padre Batista das meninas
e dos meninos de rua;
Dos negros, das mulheres,
dos homossexuais, dos abandonados,
dos oprimidos, dos despossuídos.
Negro Padre Batista, deixa pra lá
porque o que conta é a vida;
Deixa pra lá porque o que conta é o amor.

Padre Batista negro orixá da fé
inabalável como rocha,
da fé feliz, transformadora, intransigente.
Que conhecia o segredo visita de Maria,
Que atravessou as montanhas
para ir ao encontro de Isabel...
Por isso sabia de solidariedade.
Que sabia que a crueldade não é o oposto do Amor,
mas a falta de Amor.

Quilombola na existência,
por isso, um furacão no combate ao racismo,
à miséria, à exploração, aos projetos de
extermínio e de esterilização.

De alma universal, por isso,
negro na construção da igualdade.
Conhecedor dos mistérios do Cordeiro Imolado,
por isso, pronto para a morte se necessário,
mas sobretudo para a vida
que é eterna se for vivida
no Amor transformador.
Compadre das mães solitárias,
das mulheres abandonadas na vida;
amigo das crianças do mundo,
companheiro dos lutadores,
irmão dos que constroem a justiça.

Negro Padre pastor das almas esquecidas na desesperança,
que o Criador te tenha nas palmas das mãos.

A Dulce expressou neste poema, os sentimentos e a oração de cada um de nós. Gostaria, entretanto de apresentar alguns dados sobre a vida do Pe. Batista. Ele nasceu em Matão, no interior paulista, no dia cinco de agosto de 1952. Filho mais velho de uma família de onze irmãos. Na sua infância, teve a mesma sorte que muitos de nós negros temos que é trabalhar para ajudar a sustentar a família. O menor Batista era engraxate nas ruas de Araraquara – SP.

O menor Batista também teve sonho de ser Padre e profeta. Talvez seus dois nomes, Benedito e Batista, fortemente o tenham ajudado. Batista recorda o profeta que a todos anunciou: “Abraçam a justiça para acolher a libertação”. Benedito é este protetor do povo negro que, com certeza, o abençoou e encaminhou para o seminário.

Primeiramente, o adolescente Batista fez o 1º grau no Seminário Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque – SP, depois o 2º grau foi cumprido no Seminário N. Sra. da Penha, em São Paulo, e finalmente graduou-se em Filosofia e Teologia pelas Faculdades Associadas Ipiranga (FAI) e Faculdade de Nsa. Sra. da Assunção, em São Paulo.

No dia 07 de dezembro de 1979, recebeu os ministérios do Leitorato e Acolitamento, na Igreja Cristo Redentor, cidade Líder – Itaquera – SP. Grande alegria e encantamento com as coisas de Deus. Oferecia o que de melhor tinha ao seu povo querido da Cidade Líder, a voz e a facilidade de trabalhar com o povo. Batista, nesta época, era representante dos seminaristas do Estado de São Paulo junto à Cetesp.

Em 25 de outubro de 1980, o jovem Batista recebeu o diaconato. Muita festa e muita tristeza. O diácono Batista teve que deixar o seu povo da periferia de Itaquera, mas o centro de São Paulo ganhou alguém tão importante que dificilmente irá esquecer. A catedral da Sé ficou mais bonita e mais alegre com a voz do mestre. A capela e os meninos da praça da Sé ganharam um grande aliado. Foi acolhido pelo Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, pastor e pai. Foi num domingo da Ressurreição na Catedral da Sé, em abril de 1984 que o Batista foi ordenado sacerdote. Quem lá esteve jamais irá esquecer. Eu nunca vi a Catedral da Sé tão cheia. Quantos Padres, Irmãs, menores de rua e o povo negro acolhendo feliz mais um Padre de sua etnia. Como cantou bonito o maestro, Maia-Maia.

Em maio de 1984, foi nomeado vigário paroquial da Catedral da Sé. Em junho do mesmo ano, foi nomeado reitor da Igreja Nsa. Sra. da Boa Morte. Aí os menores da rua ganharam também um local para formação. Também em junho, Pe. Batista fundou o Centro Comunitário do Menor (C.C.M.) e tirou muitos menores da marginalidade. Ele ensinou também o seu ofício de menino aos menores.

Graças ao Pe. Batista, os APNs conseguiram ter sua sede “Quilombo Central” nas dependências da Igreja Nsa. Sra. da Boa Morte. Em 1983 participei do 1º encontro de APNs e Pe. Batista nos alertava que a maioria dos menores de rua era negra. Também trazia muitas alegrias com sua voz que nos fazia voltar à mãe África. As roupas e túnicas com os tons afros foi ele quem introduziu entre nós. O Instituto Mariama dos Bispos e Padres Negros surgiu por sua iniciativa. O Instituto do Negro, as Domésticas, o C.C.M., a casa da Menina Mãe, a jornada do menor contra a discriminação e tantas outras coisas são resultados do seu trabalho e luta.

No dia 13 de novembro de 1989, Pe. Batista foi nomeado Pároco da Paróquia de São Januário (Genaro) na Moóca – São Paulo; precisou, então, deixar a catedral. Pe. Batista já estava esgotado tamanha era sua dedicação com os menores e os negros. Ele não tinha horários. Alguns dos meninos tinham seu telefone, para causas emergenciais, ligavam e lá estava o Pe. Batista. São Genaro: Quanto sofrimento. Além das batidas policiais, dizendo: “de quem é esse carro, negão”? Também a nova comunidade paroquial. Ele se empunha não deixava para depois.

Antes de sua morte, escreveu para D. Paulo: “Recebe em nome de Deus, a minha obediência, o meu serviço, a minha fé, o meu amor, a minha miséria...” Eu nunca tive pai para abraçar e assim me sinto igual aos menores da Sé. Aceite meu verso...

“Pai certamente não tive
és mais feliz do que eu
que teve pai e morreu...”

Padre Batista faleceu no dia 10 de Setembro de 1991 em São Paulo. D. Paulo me ligou e pediu que o velório fosse na Igreja Nsa. Sra. da Boa Morte, onde tudo começou, e a missa de corpo presente, na Catedral da Sé, onde foi coroado. Esquife no carro de bombeiros, tanta gente, tanto choro. D. Paulo dizia as últimas palavras que ouvira do saudoso Pe. Batista ao perguntar-lhe: “Você quer oferecer o seu sofrimento aos meninos da Sé?” Ele respondeu: “Eles já sofrem muito, mais do que eu.” Na missa muitas lideranças dos diversos movimentos negros, secretários de Estado e do município, Deputados, Vereadores e os meninos de rua, chorando, a perca do seu protetor e defensor. O Vereador Chico Wtaker em artigo no “O São Paulo” de setembro de 1991 diz: “O que ajuda a manter a esperança é ver tantos “marginais” despedindo-se dele na Catedral”.

Já alguns anos são passados. Conversando com Cláudia, uma mãe de rua que foi criada no C.C.M., ela disse: Pe., “nunca mais teremos alguém que cuide de nós como ele cuidou”. No artigo intitulado “Axé Pe. Batista” publicado no jornal “O São Paulo” em 19 de setembro de 1991, Cido Pereira escreve: “...Ele instituiu quilombos na selva de pedra, lá no coração da cidade ... agora Pe. Batista foi para o quilombo do céu. O Pai lá em cima viu tudo que ele tinha feito pela Igreja em São Paulo. Viu que muitas das sementes que ele lançou, já estavam dando frutos.” É verdade, o Instituto do Negro que ele criou, hoje já tem um Médico, e no ano que vem um Advogado. Todos agradecem a oportunidade que o Pe. Batista lhes deu. A atual direção do Instituto do Negro homenageando-o colocou-o como seu patrono. Se chama Instituto do Negro Padre Benedito de Jesus Batista Laurindo – “Pe. Batista”. Hoje, nesta instituição, temos mais ou menos quarenta bolsistas universitários, que irão atuar, se Deus quiser, nas diversas áreas, combatendo o racismo e promovendo o Direito e a justiça.

Padre Batista também virou nome de escola e também de rua. A escola fica no Jd. Sinhá – Sapopemba – São Paulo, e a rua fica no Butantã. Pe. Batista também se especializou em música na Faculdade Santa Marcelina e fez muitos amigos(as) na liturgia. Entre eles(as) estão a irmã Mirian Koling que homenageou-o com uma música chamada “na palma da mão de Deus”. Assim diz a canção: “Porque nunca temeste a vida nem a morte — porque negros, meninos de rua, mães, crianças encontraram no teu coração suas esperanças caminhos do amor — transformando a dor em festa de um povo irmão — sem língua, raça e cor: Que Deus te tenha irmão, na palma de sua mão.”

Começamos esta reflexão, recordando o irmão de cor, através do poema de Dulce. Vamos terminar também com um poema. O autor ou autora não quis colocar seu nome. Preferiu o anonimato. Assim sendo este é para o Pe. Batista o poema de todos nós.

Os Dez Caminhos das Bem Aventuranças:

1 – “Padre Batista, bem-aventurado és tu porque tiveste um coração de pobre, e teu é o reino do céu.

2 – Padre Batista, bem-aventurado és tu porque choraste com os pequenos, sofridos e injustiçados. Tu serás consolado, e teu é o reino do céu.

3 – Padre Batista, bem-aventurado és tu porque tiveste fome e sede de justiça em prol dos pequeninos e não cessastes de lutar em favor deles. Tu serás saciado, e teu é o reino do céu.

4 – Padre Batista, bem-aventurado és tu porque foste manso e humilde de coração, teu é o reino do céu.

5 – Padre Batista, bem-aventurado és tu porque tiveste para com os pequeninos misericórdia. Tu alcançarás a misericórdia de Deus, e teu é o reino do céu.

6 – Padre Batista, bem-aventurado és tu porque foste limpo de coração. Tu verás a Deus, e teu é o reino do céu.

7 – Padre Batista, bem-aventurado és tu porque eu fui violento e agressivo, tu me pregaste a paz, Teu é o reino do céu.

8 – Padre Batista, eu tive fome, e me deste de comer.

Padre Batista, eu tive sede, e me deste de beber.

Padre Batista, eu fui preso, e tu me visitaste.

9 – Padre Batista, bem-aventurado és tu porque tantas vezes foste abordado, averiguado, humilhado pela polícia, por outros, tu também foste humilhado, perseguido, caluniado. Quantas lágrimas derramastes por causa do Cristo. Por tudo isso, alegra-te e exulta Padre Batista porque será grande a tua recompensa no céu.

10 – Padre Batista, acolhestes Jesus em mim e hoje o Cristo Jesus te acolherá no seu reino que não tem fim.”